This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

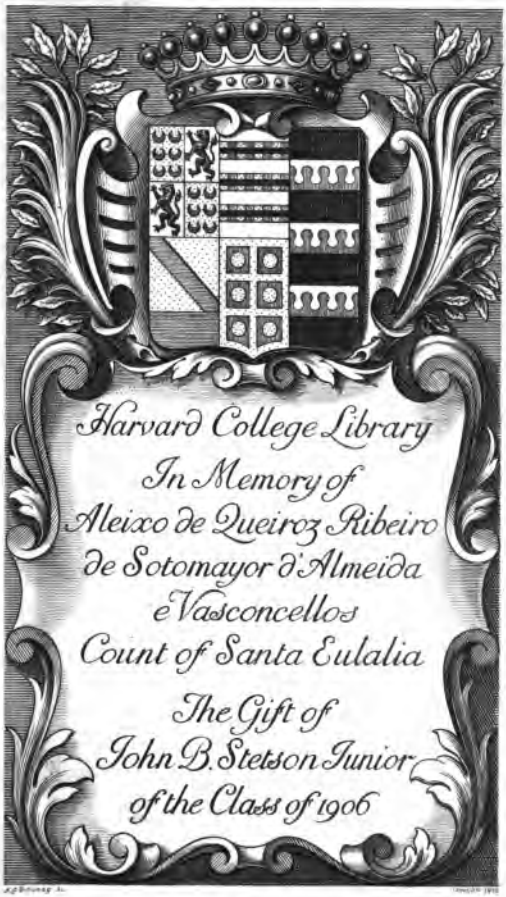
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Port
6196
25.305
WIDENER
HN ZK5M -

Port 6196.25.305



Á RODA DA POLITICA

REVISTA DE 1882 E 1.º TRIMESTRE DE 1883

POR

JULIO ROCHA

REPRESENTADA NO THEATRO DE D. FERNANDO

NA NOITE DE 5 DE JANEIRO DE 1883

E NO THEATRO DO RATO

NA NOITE DE 22 DE ABRIL DO MESMO ANNO

Com o maior applauso do publico

LISBOA

Typographia Popular — Rua dos Mouros, 41, 1.º

1884

Á RODA DA POLITICA

REVISTA DE 1882 E 1.º TRIMESTRE DE 1883

POR

JULIO ROCHA

REPRESENTADA NO THEATRO DE D. FERNANDO

NA NOITE DE 5 DE JANEIRO DE 1883

E NO THEATRO DO RATO

NA NOITE DE 22 DE ABRIL DO MESMO ANNO

Com o maior applauso do publico

LISBOA

Typographia Popular — Rua dos Mouros, 41, 1.º

1884

Port 6196.25.305

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

9 DEC 1924

DISTRIBUIÇÃO

ANTONIO CARO — Rei n'uma terra de cegos por ter muito olho politico..... A. Ferreira.
JORNALISMO — Partidario da evolução democratica. C. Rocha.
D. CRITICA — Senhora que sabe pôr os pontos nos i i Joanna Salate.
D. POLITICA — Intriguista mór n'estes reinos..... Gertrudes.
DEMOCRACIA — Morre de amores pelo Zé Espremido Adelina.
BEIRA BAIXA — Dá tudo por uma estrada ferrea... Garcia.
D. SALAMANCA — Salero para syndicatos..... Adelina.
ZÉ ESPREMIDO — Um pobre diabo que não deita sumo..... Santos.
TÓTA TUDO — Ferro velho por grosso, compra, vende, torna a vender e a comprar, etc..... P. Nunes.
O SR. ORÇAMENTO — Sujeito de quem muitos comem e para quem só o Zé trabalha..... Garcia.
O MENINO TRATADA — Uma dobadoira de linhas ferreas..... Moniz.
O MENINO MARIANI — Bom equilibrista no trapesio popular..... Soares.
O MENINO PATRULHA — Não póde olhar direito para a Carta..... Garcia.
O MENINO VATE — Faz portarias em verso..... Oliveira.
O MENINO ROSA DOCE — O bota-a-baixo do seculo XIX Gomes.
O MENINO PROGRESSO — Vive embuchado depois que engoliu o programma da Granja..... Cezar.
O MENINO TRAZEIRAS — Com pello capaz de fazer um chapéo fino..... P. Nunes.
O MENINO CEGA-REGA — Está sempre na brécha.... Julio.
O MENINO JARDIM — Bom terreno para flôres de rhetorica..... Sant'Anna.
O MENINO BARBOSA — Proprietario das marinhas... Holbeche.
O MENINO PIMENTINHA — Mãos largas para estrangeiros..... Leonardo.
O MENINO JULIO — Não gosta de mazellas..... S. Pereira.
O SR. BAILIO — O terror do Zé e o flagello da Hydra..... Garcia.
POLIDORO — Criado do Orçamento..... Sergio d'Almeida
UMA VISCONDESSA — Que perde o tótó..... Dorothéa.
UM COMMENDADOR — Que faz ao vivo «os effeitos do vinho novo»..... Gomes.
A MANA — Que chora a perda d'uma capa..... Mathilde.
O MANO — Que a consola..... Moniz.
O BARÃO — De quem a mulher faz tudo..... P. Nunes.
A BARONEZA — Que faz tudo do marido..... Palmira.

UM EMBUÇADO — Mysterioso	Oliveira.
GERTRUDES — Criada de servir, muito genio e activa no serviço	Adelina.
SARAH BERNHARDT — Apanha glorias e dinheiro	Virginia.
DAMALA — Seu marido, gosa uma e outra cousa	Oliveira.
O CRIADO DE SARAH — Leva as malas e as glorias	Julio.
1.º ADMIRADOR — Da grande actriz	Sant'Anna.
2.º ADMIRADOR — Da dita actriz	Moniz.
1.º EMPREZARIO } Discutem a posse da Sarah	Gomes.
2.º EMPREZARIO } Discutem a posse da Sarah	Cezar.
O EDITOR DO OLLENDORFF — Com a edição esgotada	Sant'Anna.
O PAPÁ DA SONICA — Quer impingil-a a toda a gente	P. Nunes.
A FILHA DO PAPÁ — Que se deixa impingir	Dorothêa.
UM ESTUDANTE — Enthusiasta pelo centenario	Mathilde.
UM POLICIA — Que prende o Zé Espremido	S. Pereira.
UM SALOIO — Victima das novas moedas de cinco	P. Nunes.
UMA PENSIONISTA — A quem não pagam	Dorothéa.
UM PROFESSOR — Que está a pão e laranja	Freire.
CATALINA — Acha que a alma penada é uma refinada pêta	Adelina.
UM POBRE DO ASYLO — Que mette o frontão a ridiculo	Sergio d'Almeida
UM CHEFE DE FAMILIA — Que se queixa das falsicações	Soares.
O ADMIRADOR — Do porco amestrado	Moniz.
1.º COMILÃO } Comem tudo e de tudo	Soares.
2.º COMILÃO } Comem tudo e de tudo	Sant'Anna.
A TRAPAÇA } Comilões	Elvira.
A TRICA } Comilões	E. das Neves.
A VERRINA } Comilões	Virginia.
A ARRUAÇA } Comilões	M. Dores.
O COMPADRE } Comilões	Gomes.
O BAZORRA } Comilões	Leonardo.
O GALOPIM } Comilões	Cezar.
O IMPUDOR } Comilões	Oliveira.
UM BOMBEIRO	Cezar.
UM CRIADO — Que traz o aviso	Simões.
UM RAPAZ	Polla.
1.º GUARDA NOCTURNO } Que se prendem mutuamente	Leone.
2.º DITO } Que se prendem mutuamente	Oliveira.
3.º DITO } Que se prendem mutuamente	Gomes.
1.º SOLDADO DA MUNICIPAL } Que prendem os guardas nocturnos	Vianna.
2.º DITO } Que prendem os guardas nocturnos	Costa.
1.º POLICIA } Andam atraz dos duelistas	Julio.
2.º » } Andam atraz dos duelistas	Silva.
3.º » } Andam atraz dos duelistas	Augusto.
4.º » } Andam atraz dos duelistas	Vieira.
5.º » } Andam atraz dos duelistas	Rocha.
6.º » } Andam atraz dos duelistas	Holbeche.

Soldados, bombeiros, criados, ministros, deputados, bebés, jornaes, comilões de ambos os sexos, hesponholas, estudantes, policias, martyres de S. Sebastião, admiradores de Sarah, membros das sociedades scientificas que estudam a passagem de Venus, etc., etc.

Á RODA DA POLITICA

REVISTA DE 1882 E 1.º TRIMESTRE DE 1883

PRIMEIRO ACTO

PRIMEIRO QUADRO

QUEM PAGA AS PRENDAS

A scena apresenta uma escola de primeiras letras, tendo ao fundo a mesa do professor e dos lados as bancadas dos discipulos (deputados), e na frente os decuriões (ministerio).

SCENA I

Zé, Antonio Caro, os discipulos e os **bébés**

Ao subir o panno Zé Espremido anda atarefado em arrumar a sala da aula

Zé. — Toca a arrumar a aula, não tardam em chegar o professor Antonio Caro com os seus discipulos, e é preciso ter tudo em ordem... *(Ouve-se rumor dentro)*.. Isto á primeira vista parece uma aula de primeiras letras... Effectivamente é aqui que se aprende o A. B. C. da politica. *(A orchestra executa uma miscelanea durante a qual entra Antonio Caro que toma a presidencia, precedido dos discipulos que a dois e dois occupam os seus logares, seguidos*

de BEBÉS *com barretes phrygios, cantando os discipulos as coplas seguintes, mostrando ao publico a carta do A. B. C.)*

Córo

Na carta que temos
nação adorada,
muito cousa ha...
Que a gente não quer
trazer decorada
(Indicam Antonio Caro) pois ralha o papá.

É só nosso fito
prazer e folia,
bambochata olé!

Oh! Carta outorgada
com fina esperteza,
de ti se faz tudo
com muita limpeza! *(Bis)*

Nós muitos artigos
de cór já sabemos,
mas taes voltas damos...
que sua doutrina
como nós queremos,
a interpretamos

É só nosso fito
prazer e folia,
bambochata olé!

Oh! carta outorgada
com fina esperteza,
de ti se faz tudo
com muita limpeza. *(Bis)*

ANTONIO CARO. — Muito bem, muito bem meus meninos! Vejo que sabem pôr os pontos nos ii, o que me lisongeia immenso por ser o encarregado da vossa educação! Dou-lhes como premio de tanto aproveitamento o recreio mais cedo, depois de trabalhar-mos um pouco em commissões.

TODOS. — Viva o nosso professor!

ANTONIO CARO. — A ordem do dia para amanhã, é a continuação da que estava dada para hoje... Muito palavriado e mais nada!

JARDIM. — Traremos a lição na ponta da lingua!

MARIANI. — Sobre a carta hei de fazer...

ANTONIO CARO. — *(Afflicto)* O quê, menino o quê?

MARIANI. — *(Socegando-o)* Algumas observações importantes. No meu entender acho-a inferior ao methodo do sr. João de Deus!

PATRULHA. — Queremos innovações! Hei de pedir a reforma da carta este anno, como fiz nos demais!

TRAZEIRAS. — Podéra o sr. não póde olhar direito para a carta...

PATRULHA. — Logo vi que o menino Trazeiras do Porto havia de dizer alguma inconveniencia!

TRAZEIRAS — Represento aqui a segunda cidade do paiz, e portanto não sei aonde estou que não me atire...

MARIANI. — *(N'um áparte)* A algum prato de tripa, querem vêr — *(Susurro)*

ANTONIO CARO. — Ordem meninos, ordem! *(Batem á porta)*

ZÉ. — Estão batendo á porta

ANTONIO CARO. — *(Ao Zé)* Vae abrir! É preciso dar a maxima popularidade á minha instructiva escola.

ZÉ. — *(Espreitando pelo postigo)*. É o Jornalismo e a Critica.

ANTONIO CARO. — *(Exasperado)* Conhecel-os?

ZÉ. — *(Com receio)* De os vêr cá em casa!

ANTONIO CARO. — *(N'um suspiro de alivio)* Ah! *(Comsigo)* Já cá tardavam! *(Alto)* Podem entrar! *(Comsigo)* Vem fazer a sua visita do costume *(Aos meninos)* Meninos, é necessario apresentar a maxima cordura, que vamos ter visitas.

ZÉ. — *(A' porta, para fóra)*. Podem entrar. *(Emquanto dura o dialogo entre os recem-chegados e Antonio Caro os meninos fazem diversas travessuras)*

Scena II

Os mesmos a Critica e o Jornalismo

JORNALISMO. — *(Á Critica)* Descançaremos aqui um pouco.

CRITICA. — *(Ao Jornalismo)* Está tão costumado a *reinar*, que até emprega phrases reaes.

JORNALISMO. — Para dar *empregos* estão sempre promptos...

ANTONIO CARO. — Hei por bem, conformar-me com essa determinação... O que peço é que estejam muito attentos. O menino Mariani, será—o inquerito á Penitenciaria; o menino Jardim—o forte da Serra do Monsanto; o menino Patrulha—o caminho de ferro da Beira e a reforma da Carta; o menino Vate—a varíola do Porto; o menino Trazeiras, —o Syndicato; o menino Tratada—a dita de Torres; o menino Progresso—o imposto de rendimento; e o menino Rosa Dôce—a Avenida da Liberdade. Convido V. Ex. sr.ª D. Critica a fazer o papel de minha ama, e o sr. Jornalismo o de meu mordomo. Emquanto ao Zé Espremido esse ficará encarregado de pagar as prendas quando algum de nós se enganar.

ZÉ. — *(Comsigo)* Está visto, eu n'estes jogos sou sempre quem pago as prendas... e os enganos.

CRITICA. — Está tratado, serei sua ama!

MARIANI. — A Critica *ama?*...

JARDIM. — O escandalo, então porque não ha de amar!

ANTONIO CARO. — Silencio! Pulando-me o pé por estar n'esta pandega, mandei um compadre para guarda da alfandega!

JORNALISMO — *(Atalhando)* Mente V. S.ª

ANTONIO CARO. — Porque, aonde estava você?

JORNALISMO. — Pedia o inquerito da Penitenciaria!

MARIANI. — Mentes tu!

TODOS. — Pague prenda! Pague prenda!

MARIANI. — Prenda, ora essa, porquê?

JARDIM. — Porque tratou o criado por *tu* quando devia tratar por *você*.

MARIANI. — Mas essa explicação é que me não fizeram... Zé Espremido paga lá tem paciencia!

ZÉ. — *(Dando a gravata a Antonio Caro)* Logo vi que a Penitenciaria sempre me havia de fazer pagar alguma cousa!

ANTONIO CARO. — Estando eu assim, um pouco *parrana*, mandei vir dois tuneis da Circassiana.

JORNALISMO. — Mente V. S.ª

ANTONIO CARO. — Porque aonde estava você?

JORNALISMO. — Escrevendo contra o tratado de Torres!

TRATADA. — Mente você!

JORNALISMO. — Porque aonde estava vocemecê?

TODOS. — Prenda! Prenda!

ZÉ. — Logo vi que a historia da Tratada me havia de levar pelo menos o casaco. *(Despe o casaco e da-o a Antonio Caro)*

ANTONIO CARO. — Contente de andar cá n'este fadinho, toquei umas arias no meu cavaquinho.

JORNALISMO. — Mente V. S.ª

ANTONIO CARO. — Então que fazia você?

JORNALISMO. — Elogiava a maneira como o auctor do D. Jayme combatia a variola do Porto.

VATE. — Mente você!

JORNALISMO. — Porque onde estavas tu?

VATE. — Combatia o imposto do rendimento.

PROGRESSO. — Mentes tu!

VATE. — Então que fazias tu?

PROGRESSO. — Escrevia contra o syndicato de Salamanca!

TRAZEIRAS. — Mentes tu.

PROGRESSO. — Então aonde estavas tu?

TRAZEIRAS. — Passeava na Avenida da Liberdade!

ROSA DOCE. — Mentes tu!

TRAZEIRAS. — Então que fazias tu?

ROSA DOCE. — Estava em casa da ama do sr. Antonio Caro.

CRITICA. — Mente V. Ex.ª.

TODOS. — Prenda! Prenda!

ANTONIO CARO. — Tambem a Critica erra?

MARIANI. — Oh! se erra!

ANTONIO CARO. — Quem está ahi chamando ó *Serra?* Vou á *serra* com estas faltas de respeito.

TODOS. — Prenda! Prenda!

ZÉ. — Vá lá o collete *(Despe o collete e dá-o a Antonio Caro.)*

ANTONIO CARO. — E como o meu fraco são damas durazias, adoro á surdina as manas Eufrazias!

JORNALISMO. — Mente V. S.ª

ANTONIO CARO. — Então que fazia você?

JORNALISMO. — Discutia o caminho de ferro da Beira e a reforma do Carta.

PATRULHA. — Mente você!

JORNALISMO. — Porque aonde estavas tu?

PATRULHA. — No forte da Serra de Monsanto!

JARDIM. — Mentes tu!

PATRULHA. — Porque aonde estavas tu?

JARDIM. — Combatia o inquerito da Penitenciaria.

MARIANI. — Mentes tu.

JARDIM. — Porque onde estavas tu?

MARIANI. — Combatia o imposto de consumo e o addicional de seis por cento.

TODOS. — Prenda! Prenda!

ANTONIO CARO. — O menino sabe que essa tal cousa do addicional não está aqui representado... Vive por emquanto na minha mente.

TODOS. — Fóra! Fóra!

ZÉ. — O peor é que por causa d'esta graça vou ficar sem camisa. *(Dirigindo-se a Antonio Caro).* Não sei se quer que a tire aqui?

ANTONIO CARO. — Apesar d'este jogo ser até tirar a pélle, no entanto já temos muitas prendas vamos sentenciar para o que haverá sessão secreta. Zé Espremido, meus senhores, já pouco tem a deitar. Respeitêmos-lhe a pélle, visto que ficou sem camisa.

UM BÉBÉ. — Nós queremos fazer parte do jury.

ANTONIO CARO. — Não, com os meninos é que não quero nada! Estão na minha escola mas lêem por outras cartas... Não é cá o meu systema...

O BÉBÉ. — *(Despeitado)* Ah! sim pois nós te faremos a cama!

TODOS. — Vamos sentenciar *(Levantam-se e saem — a orchestra durante a saida executa alguns compassos de musica.)*

Scena III

Critica, Jornalismo e o Zé

CRITICA. — Ora essa fazerem sessão secreta. Por ventura o que vão tratar não virá para a luz da publicidade?

ZÉ. — Ah! isto é o costume. Emquanto se faz o jogo, toda a gente póde ouvir, mas á sentença é que são ellas! Só sei das penas que me são impostas, quando já não posso ter appellação.

O BÉBÉ. — Vamos rapazes! Coragem e avante! *(Cantam o hymno de Riego).*

Da patria nós sômos filhos,
temos um desejo puro: —
— é d'estes grilhões d'escrava
libertal-a no futuro.

E firmes n'este principio
proclamamos destimidos:
Nós sômos a Ideia Nova.
A esp'rança dos opprimidos. *(Sáem os bebés).*

Jornalismo. — Há muito que te não via Zé Espremido! Então conta-me cá, porque te chrismaram?

Zé. — Ora porque? E' claro, porque já não tenho sumo que deitar. Quando eu era Zé Povinho, não ia-mos bem, mas tambem não ia-mos mal... Ao menos o meu presidente era um homem muito magrinho, que tinha pouca força para apertar, mas agora, depois que tornou a entrar este professor, têem-me apertado por todos os lados, e sumo..... Sou um mouro de trabalho! Nas repartições publicas exerço o logar de continuo e até de moço. Sou ao mesmo tempo industrial e agricultor, mas deixam-me a morrer de fome os tratados com a França e o phyloxera, e por cima d'isto impostos e mais impostos, e eu sempre a curvar a cabeça. *(Canta).*

Estou na espinha não tenho real,
espremido não posso ser mais.
Se isto assim continua, mui breve,
fico bom para espanta pardaes!

Como um mouro noite e dia trabalho
mas não tiro resultado nenhum...
O dinheiro gasto todo em impostos
e ando sempre em perpetuo jejum!

Inda cima se *grimpo* ou reajo,
procurando livrar-me de tal,
salta logo o Macedo do Carmo,
'stou a contas c'oa municipal.

No entanto se as cousas pegarem,
se o tal dia chegar da vingança...
eu prometto que os hei de apanhar,
e mettel-os tambem n'uma dança?

CRITICA. — E para que soffres tudo isso resignado?

ZÉ. — Porque? Porque sou pacifico! Mas elles tantas me hão de fazer que eu um dia... estalo, e o mais que estalo é tudo. Sem mim é que elles não são nada. Sou eu que faço as eleições, e as pago está claro. A minha bolsa está sempre aberta para estes amigos. Andam sempre a pedir-me dinheiro. Agora penitenciarias, logo syndicatos, depois tratadas de Torres, e mais orçamentos para aqui, e mais commissões para acolá, e mais subsidios para este lado, e mais augmento de soldos para aquelle... Emfim é um nunca acabar.

JORNALISMO. — Porque não te emancipas d'essa escravidão!?

ZÉ. — *(Receioso)* Por amor de Deus meu senhor, não falle assim que se o ouve o Bailio vamos parar com os ossos á cadeia!

CRITICA. — Quem é o Bailio?

ZÉ. — É o nosso governador, uma especie de prefeito, o homem dos quinze kilos, que era capaz de me cortar a lingua, como cortou os badalos aos sinos para não tocarem *(N'outro tom)*. Com licença, já são horas de tirar a minha camisa e ir ouvir o sentença *(Sae.)*

SCENA IV

Critica e Jornalismo

CRITICA. — *(Vendo sair o Zé)* Pobre miseravel! E arrasta este homem um passado glorioso, na mais vergonhosa miséria, pelo indifferentismo, porque se deixou embotar!

JORNALISMO. — E' a imprensa que o ha de levantar d'aquelle torpor que o avilta. Os grandes feitos de seus avós, hão de acordar n'elle a voz da consciencia, e fazer do escravo senhor! Saiamos d'aqui que o ar que se respira nauzea-me deveras.

CRITICA. — Vamos assistir a uma das festas mais comicas do anno.

JORNALISMO. — O seu braço e a caminho. *(Saem)*.

MUTAÇÃO

SEGUNDO QUADRO

OS MARTYRES DE S. SEBASTIÃO

A' mutação a scena representa um jardim tendo ao fundo a fachada de uma casa de boa apparencia, vistosamente illuminada. Ouve-se dentro tocar o hymno hespanhol.

SCENA I

A Critica e o Jornalismo *(entram)*

Ao fundo passeiam dois embuçados

CRITICA. — Chegámos ao baile.

JORNALISMO. — Tarde bastante em consequencia da grande linha de carruagens, que nos antecedia.

CRITICA. — *(Assestando o binoculo)* Quem são aquelles sujeitos embuçados, que andam ali passeando?

JORNALISMO. — Ah! já sei naturalmente acompanharam os illustres visitantes até ao baile.

CRITICA. — Mas quem são elles?

JORNALISMO. — Os empregados da policia hespanhola, que vieram na bagagem, como podia vir qualquer outra cousa.

CRITICA. — Um guarda costas por exemplo.

JORNALISMO. — Portugal é essencialmente hospitaleiro.

CRITICA. — N'esse caso precisa mandar recolher o hymno da Restauração.

JORNALISMO. — E' o nosso hymno, o unico hymno nacional que temos. A França tem a Marselhesa o hymno do povo, o hymno da revolução, o hymno da liberdade, nós temos o hymno da Restauração!

CRITICA. — E o hymno da Maria da Fonte, porque não sou tambem menos enthusiasta.

JORNALISMO. — Cousas da politica.

Scena II

Os mesmos e a Politica *(entrando)*

POLITICA. — Quem falla aqui no meu nome? *(Reparando)*

Ah! é o sr. Jornalismo e a sr.ª D. Critica. Logo vi que não faltavam!

Jornalismo. — Então o que ha a respeito da sua protegida — *Faz-me o favor?*

Politica. — Apresenta-se ao publico todas as noites no theatro do Principe Real onde agrada extraordinariamente. A auctoridade administrativa reconsiderou, e depois de mudar o barrete phrygio a um personagem, e tirar uma facha de côres expressivas a outro, deixa que a peça se represente! As prohibições são uns magnificos reclames.

Critica. — Então tambem por cá?

Politica. — Tambem. Hoje em parte alguma se faz nada sem o meu auxilio! *(Canta)*

Walsa

Não se encontra
quem m'iguale
grite e falle
mais do que eu.
Nos comicios,
tudo embrulho,
o *estadulho*
já foi meu!

Sou felina,
sou nervosa,
como a rosa
tenho espinhos
Tenho telha,
sou vermelha,
meus caprichos
são damninhos.

Deputados,
faço aos centos.
Tenho inventos
seductores.
Levo á urna
com promessas
mil remessas
de eleitores!

Eu invento
pavorosas
horrorosas
aos milhares...
Grito e berro
tudo atérro
aos Bazorras
dou logares.

JORNALISMO. — *(Applaudindo-a)* Muito bem! Muito bem!

CRITICA. — Ainda nos não disse o que a trazia cá?

POLITICA. — *(Sorrindo)* Sempre curiosa D. Critica.

CRITICA. — *(Desculpando-se)* Sou mulher!

POLITICA. — Pois saiba que me trouxe aqui a idéa de fazer dois ou tres titulares.

JORNALISMO. — Condes, ou marquezes de S. Sebastião da Pedreira?

POLITICA. — Por emquanto ainda não sei ao certo.

CRITICA. — Tem graça! O baronato de S. Sebastião! O condado de S. Sebastião. *(Ri.)*

POLITICA. — Ha titulos muito mais extravagantes e que não passam sem se usar.

Coplas

Tenho feito ultimamente
marquezes, duques, barões,
dado gran-cruzes, medalhas
para ganhar adhesões!

De estradas, becos, travessas,
eu faço aristocracia,
pois n'ella se consolida
o poder da monarchia.

Um barão de rua Larga
ainda está por fazer,
visconde Cruzes da Sé
podemos em breve ter!

E do beco do Cascalho
faz-se um duque menos mau,
e um chibante marquez
da horta Perna de pau!

(Declamando.) Pudéra! Alí sim, ali é que é gosar! Ceei á farta e levo um casaco de camelão, em troca de um guarda-pó de linho que trouxe. Em vez de ir para a sala fui para a copa e ali é que foi tirar o ventresinho de miserias... Houve muita gente que fez o mesmo. Desde que sou commendadôr e conselheiro que não encho assim a barriga. *(Sae repetindo só o estribilho:)*

É visto cá termos, etc.

CRITICA. — Então que tal o acha? Quere-o melhor?

JORNALISMO. — Está magnifico, pois não! É pena não estar aqui D. Politica, recommendal-o-ia a sua seriedade para o fazer par de reino na primeira fornada!

SCENA VII

Os mesmos e os dois manos

A MANA. — Nunca vi uma cousa assim! É a primeira vez que tal me succede! Trazer uma capa de setim... e então que setim, tinha-a comprado o visconde em Pariz, quando fugiu com aquella cancanista que o mano conheceu, e levar em troca uma capa de panninho com um capuz de lã. É onde pode chegar!

O MANO. — E eu não fiquei sem o meu pardessú e o meu chapeo... Eu que sou alto ver-me obrigado a vestir um casaco de creança que só me serve para abafar as orelhas... Se ao menos me cubrisse a cabeça...

Duo

O MANO. Ai triste destino,
que assim me deixaste,
dando-me pr'o frio,
somente este traste!

A MANA. *(Chorosa.)* Capa de setim
não mais te verei,
que grande arrelia
ai! Aqui d'El-Rei!

O MANO, Ficamos roubados
custoso é dizel-o...
Eu vim cá por burro.
Saí por camello!

A MANA. Ó vamos depressa.

fujamos Abel,
senão fico doida
na nova Babel!

O MANO. Sim, vamos depressa,
que a bilis o fel
revolta-me todo
contra esta Babel!

Ensemble

A MANA. Ó vamos depressa
fujamos Abel
senão fico doida
na nova Babel!

O MANO. Sim vamos depressa
que a bilis, o fel,
revolta-me todo
contra esta Babel! *(Sae,)*

SCENA VIII

Critica, Jornalismo a Viscondessa e depois o **Barão** e a **Baroneza**

CRITICA. — Sim senhor, bonito deveras!
JORNALISMO. — E se vos admiraes...
CRITICA. — Ahi tendes mais!
VISCONDESSA. — *Entra desesperada procurando alguma cousa que parece ter perdido. Cantando depois na musica do — Que pena era tão lindo — em tom muito lacrimoso:*

An! An! An! Ai! Ai! Ai!
Sou bem desventurosa,
perdi o meu cãosinho
a prenda preciosa...
Ai sim!
Eu sou desventurosa
Ai! sim!
Sou bem desventurosa!

A mim sempre abraçado,
com pena o digo,
dormia commigo!

Sua dona era
bem amiguinha
Coitadinha!
Sempre abraçadinha
dava fucinhadinha
na minha boquinha,
aquella joiasinha!

(Apenas a viscondessa sae entram o Barão e a Baroneza.)

BARONEZA — N'esta ganhei eu! Ó barão que tal te pareço com esta capa?

BARÃO. — Magnifica, tu nasceste para as cousas finas.

BARONEZA. — São ellas a meu ver que fazem a gente delicada.

BARÃO. — *(Apalpando a capa.)* E é magnifico setim!

BARONEZA. — Setim por panninho, olha que sempre foi um achado.

BARÃO. — A outra o que tinha era uma côr mais viva,

BARONEZA. — Por isso mesmo não gostava d'ella. Punhas-te ás vezes a olhar tão fito para a capa, o que vale é que te *passava* depressa.

JORNALISMO. — *(Á Critica.)* Que diz ella? Passava-o, é capa?

CRITICA. — Assim parece!

Duo

BARONEZA. Meu querido marido!
BARÃO. Anjo meu amor.
BARONEZA. Por ti me deliro.
BARÃO. Estou ao teu dispôr!
BARONEZA. Vamos para casa.
BARÃO. A noite vae alta,
BARONEZA. Tomar a receita?
BARÃO. Que sabes me falta.
BARONEZA. Xarope de musgo.
BARÃO. A tosse te abranda.
BARONEZA. Se durmo de costas.
BARÃO. Ou mesmo de banda.
BARONEZA. A ceia enfartou-me.
BARÃO. E fez-te espertina
BARONEZA. Dá cá o teu braço,
BARÃO. Giremos menina! *(Saem.)*

CRITICA. — Ao menos aquelles vão alegres!

JORNALISMO. — E farão tenção de ficar com o que lhes não pertence?

CRITICA. — Isso nem se pergunta!

SCENA IX

Jornalismo, Critica e uns poucos de individuos vestidos exocticamente

Côro

Trocamos chapeos,
casacos e botas,
o vinho os licores,
fez-nos idiotas!
Vae tudo trocado,
bengalas, bastões,
espadas, espadins,
fardinhas, calções;
gran-cruzes, commendas,
no lixo verão!
Que enorme balburdia
que grande lição.
Os martyres da festa
somos afinal...
Não temos memoria
de haver cousa igual! *(Saem.)*

CRITICA. — Coitados! Muitos entraram de chapeo armado e saem de chapeo alto e fardalhão bordado. Pobres martyres de S. Sebastião.

JORNALISMO. — Que descredito. O que farão elles agora para remediar o mal?

CRITICA. — Olhe! *(Um cieado vem á scena com uma taboleta.)*

JORNALISMO. — *(Lendo.)* Aviso: Domingo, no salão da Trindade proceder-se-ha á troca dos objectos de vistuario, barafundados no baile da associação commercial, e acceitar-se-hão quesquer reclamações. *(Sae o criado.)*

CRITICA. — É o epilogo da festa!

JORNALISMO. — E agora primeiro que cada um torne a ter aquillo que era seu...

CRITICA. — Foi uma embrulhada peor que a confusão das linguas.

POVO. — *(Entrando.)* Viva a exposição! Viva a exposição.

Côro

Corramos á exposição,
que nos dá prazer jucundo,
e cuja fama já sôa
nas quatro partes do mundo!

Vamos com enthusiasmo
saudar a ideia feliz,
que mostrou ao estrangeiro
o valor d'este paiz!

CRITICA. — Dizem que é uma magnífica exposição sr. Jornalismo?

JORNALISMO. — Magnifica no meu entender! Ali se admiram as riquezas monopolisadas nos conventos, e as valiosas concepções do genio artistico portuguez, por tantos annos escondidas, olvidadas mesmo, e que hoje se arrancaram do tumulo do esquecimento para virem dar incentivo ás nossas artes e evidenciarem-se perante a Europa como um padrão do nosso passado e uma affirmação do valor artistico dos filhos d'esta terra! Vivam os iniciadores da exposição! Viva Portugal onde a illustração e a liberdade caminham a par no carro vertiginoso do Progresso, que será, insensatez querer parar porque esmagará os que se atreverem a travar as suas rodas. É n'estes certamens que se levantam as nações! É n'elles que se honram os cidadãos.

MUTAÇÃO

TERCEIRO QUADRO

A EXPOSIÇÃO DE ARTE ORNAMENTAL

As salas da exposição

SCENA UNICA

O poeta [illegible] e o jornalismo

JORNALISMO. — Viva Portugal! Vivam as artes portuguezas!

TODOS. — Viva

Os vivas repetem-se e a orchestra executa o hymno da Restauração nacional.

O panno cae lentamente.

FIM DO 3.º QUADRO E DO 1.º ACTO

SEGUNDO ACTO

QUARTO QUADRO

A NOVA ALBARDA

A scena apresenta uma loja de albardeiro tendo penduradas nas paredes varias albardas com os titulos: Imposto do consummo, imposto de viação, real de agua, imposto de rendimento, etc.

SCENA I

Alguns individuos onde se advinham varios personagens politicos da actual situação, estão occupados em encher de palha uma albarda a qual deve ter um panno em forma de xarel em que se leia: O Zé póde e deve pagar mais — Entre elles está **Antonio Caro.**

Côro dos albardeiros

Hymno do trabalho

Trabalhar meus irmãos, que o trabalho
é riqueza, é virtude, é vigor,
é preciso acabar a albarda,
e que fique ao Zé um primor!

Deus que deu ao peccado a fadiga
'té na pena sorri paternal,
p'ra nós termos bem cheia a barriga
deve o povo ficar sem real!

Esta albarda é chic e bem feita,
só por gosto se póde envergar,
e ao vêl-a assim tão fofinha
ha-de o Zé mui contente ficar!

Trabalhar meus irmãos, que o trabalho
á riqueza, é virtude, é vigôr,
está por um fio completa a albarda
que no Zé vae ficar a primôr.

ANTONIO CARO. — *(Quando finalisa o côro.)* Vamos rapazes, o casaco já hoje deve começar a servir. D'aqui a pouco vem o freguez proval-o e é preciso que esteja prompto. Exulto de prazer. Parece que consigo d'esta vez tornar-me notavel! Deus queira que a moda pegue, porque o privilegio de invenção pertence-me *(Aos albardeiros.)* Sim, dizem muito bem e cantam muito melhor. Mas mau é se o freguez se *espanta*, e começa para ahi a *atirar-nos* a sua descompostura.

VARIAS VOZES. — Prende-se mais *curto!*

ANTONIO CARO. — Sou da mesma opinião... O Bailio que esteja a postos com a gente. *(Batem á porta.)* Quem será? Já o freguez?

TRATADA. — *(Espreitando pelo postigo.)* Nada, é um sujeito asseado com uma senhora de binoculo á tiracolo.

ANTONIO CARO. — *(Enfadado.)* É o Jornalismo e a Critica! Já tardavam. Não me deixam pôr pé em ramo verde. *(Ao albardeiro.)* Vá lá, abra-lhes a porta... Não é por minha vontade... mas o Jornalismo é pouco para brincadeiras, e se começa a dar ao badalo a meu respeito arrisco-me a cair do poleiro. *(Comsigo.)* Palavra que era um *passaro* a que de bôa vontade mandava cortar as *pennas*... Mas já não vou a tempo.

SCENA II

Os mesmos, D. Critica e o Jornalismo

JORNALISMO. — *(A Antonio Caro.)* Viemos attrahidos pelo annuncio da sua experiencia industrial e vêr que tal é recebida a sua obra.

ANTONIO CARO. — *(Sardonico.)* Ah! tenho fé que heide ser feliz... O freguez é manso como um *borrego*... já não é a primeira vez que lhe aperto a *silha* e elle não se queixa. Com tacto consegue-se tudo.

CRITICA. — E não téme que esse *contacto* lhe seja prejudicial?

ANTONIO CARO. — Perdão V. Ex.ª fez um trocadilho, eu

não disse *contacto* mas com tacto, duas palavras; isto é com maneiras.

CRITICA. — Eu logo vi que o sr. Antonio Caro não estava em contacto com o Zé, se estivesse não pensaria em fazer este novo albardão de augmentos no imposto do consummo, e mais o addicionalsinho de seis por cento. É o defeito dos nossos estadistas não reconhecerem as miserias que affligem as classes trabalhadoras. O imposto sobre o sal, por exemplo, que vae onerar uma classe pobre e desprotegida, a dos pescadores, que é quem d'elle faz o maior consummo na salga do peixe, deixa as classes abastadas livres d'esse encargo, porque na proporção do que gastam o imposto e diminutissimo para elles.

ANTONIO CARO. — V. Ex.ª não percebe nada d'isto... Se eu fosse lançar impostos aos ricos, adeus, adeus, podia preparar-me para ir outra vez ao estrangeiro. Com o Zé o caso é outro, cá nos entendemos.

JORNALISMO. — O senhor começou por fazer albardas pequenas, depois ellas foram crescendo, e agora já estão em verdadeiros albardões.

ANTONIO CARO. — Todas as modas são assim... Os balões começaram pequenos, depois foram crescendo, até que chegaram a um tamanho descommunal... As cuias, começaram tambem por pequenas, mezes depois já havia pessoas que usavam cuias maiores que a cabeça. Emfim seria um nunca acabar se lhe fosse a mostrar exemplos... Em a gente se acostumando a cousas pequenas, usa as grandes por fim de tempo sem difficuldade!

OS ALBARDEIROS. — Está prompto o albardão!

ANTONIO CARO. — *(Consultando o relogio.)* Foi mesmo á justa! Está a bater á porta! *(Batem á porta.)*

JARDIM. — *(Indo vêr.)* É o Zé!

ANTONIO CARO. — *(Confidencial aos albardeiros.)* Vamos rapazes, não se esqueçam do papel que têem a desempenhar!

TODOS. — *(Com submissão.)* Não senhor!

TRATADA. — *(Á porta.)* Vamos, entre seu Zé!

SCENA III

Os mesmos e mais o **Zé**

ZÉ. — Ora então a carta constitucional seja n'esta casa

Como hoje fui instado pelo meu amigo Antonio Caro para aqui vir sem falta, eis o motivo porque não faltei... Por minha vontade estava mais um bocadinho a ouvir o redactor do Seculo!

ANTONIO CARO. — *(Surprehendido)* Aonde?

ZÉ. — No theatro Chalet, onde se fez um meeting para protestar contra os novos impostos. Disseram-se lá cousas bonitas. Fallou-se do tratado de Lourenço Marques, do caminho de ferro de Torres, que se deu ao sr. Topa-a-Tudo e do syndicato de Salamanca. Que o amigo Antonio Caro é um Judas, que me faz andar de Herodes para Pilatos, isto é dos emprestimos para os impostos, para acabar com o *deficit*, e logo em seguida cria augmentos de despezas com conegos, augmentos de gratificações, e novas compras de armamento; dando-se oitocentos mil réis ao Jockey Club, para as corridas de cavallos... Ora em vista d'isto, eu um dia faço-me maluco, o depois veremos quem vence.

CRITICA. — *(Para o Jornalismo.)* Que lhe parece o Zé?

JORNALISMO. — *(Á Critica.)* Por emquanto estamos nos repentes de leão!

ANTONIO CARO. — *(Com um sorrisinho malevolo.)* Pois não, muito pacifico tens tu sido... Mas da minha parte não tem havido razão de queixa. Eu é verdade que peço dinheiro, mas ao menos vê-se em que o gasto. Agora é preciso mais um sacrificiosinho para accudir ás provincias da publica administração... Emfim se não podéres ficamos amigos como d'antes, e deixo isto ao primeiro collega que appareça.

ZÉ. — *(Meio tentado.)* Se o albardão não fosse muito pezado?

ANTONIO CARO. — Não custa nada a trazer, é muito acolxoadinho... E' um trabalhinho á altura da gravidade das circumstancias.

ZÉ. — Você tem prestado serviços... E' Caro, mas os outros tambem são *caros* e não fazem nada! Já agora não quero que peça a sua demissão de albardeiro mór.

ANTONIO CARO. — Que seria dos compadres?

ZÉ. — *(Contristado)* Que ainda não poderam entrar para guardas da alfandega...

ANTONIO CARO. — Envergando o imposto de consummo salvas o paiz e extingues o *deficit*.

ZÉ. — *(Em tom de duvida)* Salvo?

TODOS OS ALBARDEIROS. — Salvas!

ZÉ. — *(Resolvido)* Então venha de lá isso!

JORNALISMO. — *(á Critica)* Vê? Chegamos ás paradas de sendeiro!...

CÔRO DOS ALBARDEIROS

Vamos Zé ahi tens a casaca
que p'la ultima vez nós te damos,
é vestindo-a que matas o *deficit*,
é assim que com elle acabamos

ZÉ

Paciencia, que remedio,
vou vestil-a sem gritar,
mas se um dia me exaspero
atiro com ella ao ar!

CÔRO DOS ALBARDEIROS

Vê que obra tão fina, tão bella,
o miolo é de penas, tontinho,
se colchão não tiveres para a cama
podes d'ella fazel-o, fofinho.

ZÉ

Pois venha de lá já isso,
as costas ponho ao dispor;
ao menos com essa albarda
de inverno terei calor

(Antonio Caro faz signal aos albardeiros para que ponham a albarda no Zé. Jornalismo indignado impede-os de avançar.)

JORNALISMO. — *(Ao Zé)* E' demais! Aturas com resignação de victima todas estas explorações de que te fazem alvo e que ha já tantos annos pezam sobre ti. O unico expediente dos nossos estadistas é roubar-te as migalhas do pão de que te sustentas, e os recursos que já não podes dar. *(Indignado,)* Não, isto não póde continuar. E' necessario que essa legenda falsa e odiosa que diz: O Zé póde e deve pagar mais, se substitua em nome da morali-

dade e salvação d'esta terra, por esta outra: Os governos pódem e devem gastar menos!

Zé.—Sim, isso é muito bonito de dizer, mas se a gente chia, vem o Bailio e a tropa... e quem tem costas... tem medo. (*Voltando-se para os albardeiros*) Obrigado meus amigos!... Sim porque vós sois verdadeiramente meus amigos! Tendes-me tirado a camisa, mas ao menos daes-me albardas por uma pá velha! Esta agora é a mais pezadinha de todas e abafa... Portanto a vossa amizade é bôa para o inverno! Daes-me um sobretudo de couro e palha, antes isso do que uma casaca de pau. Agradeço-vos reconhecido.

Antonio Caro.—Muito bem! Muito bem! Viva o Zé Espremido!

Todos.—Viva o Zé Espremido!

Zé.—(*Impondo silencio*) Não! D'aqui para o futuro, chamar-me-hão antes o Zé Albardado! Fica-me a caracter!

Tratada.—Pois então viva o Zé-Albardado!

Zé.—(*Gritando muito*) Viva! Vivam os albardeiros! Viva a pandega. (*Todos acompanham o Zé na saída fazendo grande algazarra*)

SÇENA IV

Os albardeiros, Jornalismo e o Bailio

(*Que entra depois do Zé ter saído impedindo que os albardeiros o sigam*)

Bailio.—(*Assoprando*) Já disse que não gosto de manifestações...

Antonio Caro.—Ora meu amigo quem manda aqui sou eu!

Bailio.—(*Indignado*) Eu é que sou! Você governa mas não manda.

Antonio Caro.—Veremos!

Bailio.—(*Fulo.*) Pois veremos! Você já me tem querido pôr a andar, mas sabe que sem a minha *ajuda*, ser-lhe-ha impossivel matar a hydra! Grimpe! Grimpe! e verá então se torna cá a pôr o pé! Eu sou aqui um rei absoluto.

Coplas

Na lei do cacete
eu fui educado,
sou quebra cabeças
p'ra meu desenfado!
Os sinos não tocam
cortei o badalo,
ralaram-se os padres
mas eu não me ralo!
Diz o mundo á uma
que tenho veneta,
que sou batoteiro } *bis*
que jogo a roleta. }
Agora o meu fraco }
aqui vou jurar, } *bis*
será entre os dentes }
a hydra encontrar *(Sae aos pulos)*

Antonio Caro. — Vamos meninos! Respeitem as ordens do sr. Bailio: emquanto o não podermos pôr ao fresco. *(Saem todos)*

SCENA V

Critica e Jornalismo

Jornalismo. — Isto é uma verdadeira torre de Babel!

Critica. — Cada um quer mandar para o seu lado e o resultado é ninguem se entender! O que me admira é o Antonio Caro supportar este estado de cousas, elle que era tão liberal.

Jornalismo. — Ha de convencer-se minha senhora de que em politica anda-se sempre em pleno entrudo... Tudo isto é uma mascarada perpetua! O pobre Zé é o padecente... A's vezes tenho dó d'elle, outras indigna-me aquella credulidade infantil que o faz cahir em logros d'este lote.

Critica. — O quê, foi logrado?

Jornalismo. — O imposto sobre o chá, sal, assucar etc, que elle vae pagar da melhor vontade suppondo extinguir o deficit, será para pagar uma linha ferrea em territorio

estrangeiro, e para encher os bolsos aos membros de um famoso syndicato.

CRITICA. — Mas proteste, isso é uma fraude, uma burla sem nome.

JORNALISMO. — *(Encolhendo os hombros.)* Que quer minha senhora, eu bem estou todos os dias a dizer-lhe que se levante, que sacuda o jugo ignominioso, e de uma vez arranque a mascara aos hypocritas que lhe sugam o sangue e o apresentam ao estrangeiro como um ridiculo joguete da sua vontade... Elle não quer...

CRITICA. — Agora... Mas a necessidade o levará a isso um dia. *(Saem)*

MUTAÇÃO

QUINTO QUADRO

QUÉDA DE UM COLOSSO

Uma praça

SCENA I

A' mutação **Gertrudes** entra precedida de algumas criadas, pouco depois **Jornalismo** e **Critica**

GERTRUDES. — *(Entrando muito exasperada.)* Veremos se este abuso dos srs. carroceiros da camara nos andarem a escangalhar a todo o momento os caixotes do lixo, não cessa depois de irmos á imprensa... Nós como bôas criadas de servir temos o direito de zelar os interesses dos nossos amos.

AS CRIADAS. — *(Em côro.)* Muito bem! Muito bem!

(Jornalismo e Critica vem entrando.)

GERTRUDES, — Onde iria isto ter minhas illustres collegas, na famosa arte dos puxados e dos recheios, se nossos amos se encontrassem na dura necessidade de andar a mandar pôr aduellas novas todos os dias nos caixotes do lixo...

CRITICA. — Lixo e mais lixo!

JORNALISMO. — Parece-me que ella afinal, é que tem falta de aduella!

GERTRUDES. — Lisboa inteira está indignada contra os carroceiros da camara que tratam os caixotes aos pontapés, e ás vezes chegam a atirar com elles da altura d'um primeiro andar.

AS CRIADAS. — *(Tragicamente.)* Horrôr!

GERTRUDES. — Pois não basta para castigo de quem nos atura, o que a gente empalma das despensas para darmos aos nossos dedicados amores da municipal, que quando os amos se ausentam nos vão fazer companhia sentados ás suas mezas, bebendo dos seus melhores vinhos, comendo os melhores acepipes, estragando os seus estofos, pois não basta isto? E querem por cima ainda fazer-nos os caixotes n'um feiche? Nada isso é que não... Vamos ás redacções dos jornaes pedir protecção para os caixotes...

Canção da Mascotte

(DO SR. RIO DE CARVALHO)

GERTRUDES

Protestar d'um tal abuso
á imprensa hoje vamos!...

CÔRO

Protestar d'um tal abuso
á imprensa hoje vamos!...

GERTRUDES

E com certeza attendidas
tenho palpite, voltamos!

CÔRO

E com certeza attendidas
temos palpite, voltamos!

GERTRUDES

Das criadas de servir
sômos o *chic*, o primor,
e de alguns patrões colhemos
o seu dinheiro e amor!
P'ras amas então
que reinação...

CÔRO

P'ras as amas então
que reinação!

GERTRUDES

Sômos tal qual um papão

CÔRO

Sômos tal qual um papão

GERTRUDES

Papão! Papão!

CÔRO

Papão! Papão!

GERTRUDES

Mas eu bem sei que o papão
são ciumes, são ciumes,
mas eu bem sei que o papão
são ciumes do patrão
Ão!

CÔRO

Mas sabemos que o papão
são os ciumes, são os ciumes,
mas sabemos que o papão
são ciumes do patrão!
Ão!

GERTRUDES

De sorrisinho nos labios
temos um certo fitar...

CÔRO

De sorrisinho nos labios
temos um certo fitar...

GERTRUDES

Que os patrões, mesmo os casados,
fazem tudo p'ra agradar

CÔRO

Que os patrões, mesmo os casados,
fazem tudo p'ra agradar

GERTRUDES

No serviço sômos lestas,
ligeirinhas atiladas,
trajo fresco, provocante,
eis a joia das criadas!
P'ras amas então
que reinação...

CÔRO

P'ras amas então
que reinação...

GERTRUDES

Somos tal qual um papão!

CÔRO

Somos tal qual um papão!

GERTUDES

Papão! Papão!

CORO

Papão! Papão!

GERTRUDES

Mas eu bem sei que o papão,
são os ciumes, são os ciumes,
mas eu bem sei que o papão
são ciumes do patrão.
Ão!

CÔRO

Mas sabemos que o papão
são os ciumes, são os ciumes,
mas sabemos que o papão
são ciumes do patrão!
Ão!

GERTRUDES. — Vivam as criadas!

AS CRIADAS. — *(N'um grito de enthusiasmo,)* E os caixotes!

GERTRUDES. — E abaixo os carroceiros *(Sae.)*

AS CRIADAS. — E viva a municipal *(Seguem-n'a.)*

CRITICA. — Isto é uma grève de criadas de servir?

JORNALISMO. — Não, é uma sociedade protectora de caixotes do lixo!

SCENA II

Sarah *atravessando a scena dando o braço a* **Damalla** *precedidos de um gallego com uma mala e varios individuos que os acompanham dando vivas a Sarah Bernhardt.*

Jornalismo, Critica 1.º e 2.º admiradores

1.º ADMIRADOR. — *(Que entra um pouco depois de Sarah sair, ao 2.º admirador.)* Ahi vae ella!

2.º ADMIRADOR. — Quem?

1.º ADMIRADOR. — A Sarah Bernhardt.

2.º ADMIRADOR. — *(Não se podendo conter.)* Vou ao seu encontro, sabes que estou apaixonado por ella?

1.º ADMIRADOR. — Serio? Olha que é casada!

2.º ADMIRADOR. — Casada? O diabo com quem?

1.º ADMIRADOR. — Com o senhor Damala!

2.º ADMIRADOR. — O quê, com o gallego que leva a mala?

1.º ADMIRADOR. — Não com aquelle sujeito que lhe dá o braço...

2.º ADMIRADOR. — Como disseste com o senhor *da malla* entendi que era com o individuo que levava a mala... Afiançam que não ha no mundo mulher mais caprichosa do que ella... e portanto...

1.º ADMIRADOR. — Nada meu amigo! Damala é o appellido

do individuo com quem ella ha pouca casou e que depois de gastar a sua fortuna apanhou um thesouro...

2.º ADMIRADOR. — De innocencia?

1.º ADMIRADOR. — *(Com intenção.)* Não de talento *(Saem.)*

SCENA III

Critica e Jornalismo

JORNALISMO. — Pobre senhora, desde que poz o pé em Santa Apolonia que a não deixam... Por toda a parte é perseguida pela chusma dos seus admiradores!

CRITICA. — E elles sabem o que ella vale? Já apreciaram do seu merito para a poderem julgar imcomparavel, distincta, admiravel, etc?

JORNALISMO. — Não, mas como os jornaes estrangeiros a têem adjectivado de todas as fórmas, modos e maneiras, e como cá temos por costume imitar e seguir tudo que se diz e segue lá fora, é a razão d'estas enthusiasmos... Verá, verá que ainda ha de ouvir dizer, aos que se empenham n'estas manifestações, que ella a final não passava de uma artista vulgar. São capazes d'isso.

SCENA IV

Os mesmos e 1.º e 2.º emprezarios

1.º EMPREZARIO. — Não pense, não pense, que hade ficar assim, o senhor apanhou a grande actriz por um bamburrio da sorte, por um bamburrio, entenda bem!

2.º EMPREZARIO. — Se fui eu o primeiro que lhe mandei offerecer escriptura, que admira isso!

1.º EMPREZARIO. — Primeiro fômos nós, e tanto assim é, que promettemos ao gerente um habito de Christo ha mais de quinze dias, se Sarah viesse para o nosso theatro, ora o senhor ha oito dias apenas que mandou a sua proposta...

2.º EMPREZARIO. — Mas então se ella me preferiu o que quer o collega que eu lhe faça?

1.º EMPREZARIO. — Ora essa agora, nada, mas para a outra vez previno-o de que se não atravésse no nosso caminho... A mim é que cabe escripturar as notabilidades estrangeiras! E' ao nosso theatro que devem ir, e não a um theatro secundario, um theatro de má morte!

Critica. — Ahi está um papá que se póde dizer, nasceu ao mesmo tempo que a filha.

Jornalismo. — Podéra! A sua orthographia sendo nova já tem pés de gallinha.

Papá. — Vamos menina! Continuemos a nossa peregrinação.

D. Sonica. — Continuemos!

Papá. — E embora me espezinhem, me humilhem e digam que eu em orelhas excedo a burra do Balaão, serei sempre o remorso da Granja a quem cantarei eternamente.

(No fado do «Meus senhores cá está o gato».)

Meus senhores
cá está a sonica,
que faz reformas,
revira as letras,
que lá na escóla,
entra na bola.

Pois ha quem diga,
não é cantiga,
que os namorados,
apaixonados,
escrevem á tôa,
n'essa Lisboa!

(O papá vae para investir com a Sonica mas abstem-se dá-lhe o braço e sae.)

SCENA VII

Jornalismo, Critica e o Zé

Zé. — *(Entrando com enthusiasmo.)* Bravo isto é que é camara municipal! Escólas e mais escólas... Ande sr. vereador do pelouro da instrucção, conclua a famosa obra que deixou principiada o seu antecessor, e cá me terá sempre prompto a applaudil-o.

Jornalismo. — Como vens cheio d'enthusiasmo?!

Zé. — Ah! Sr. Jornalismo, isto é que faz bem! Venho da inauguração da escóla Frœbel no passeio da Estrella, e confesso-lhe que estou commovido de vêr o municipio pro-

teger e amparar tanta centena de creança, algumas das quaes ainda hontem não tinham que vestir, nem outro futuro que não fosse a mais horrenda miseria... Ali ao menos aprenderão a fazer-se homens.

JORNALISMO. — Frœbel foi um dos bemfeitores da humanidade! Aquelle emprehendeu e realisou a fundação de um dos systemas de regenerar e melhorar o ensino da infancia! Agora festeja-se o anniversario d'este vulto que alcançou um triumpho para a causa da educação popular, logo iremos igualmente prestar levantadissima homenagem ao grande estadista portuguez marquez de Pombal, que levantou o nosso paiz das ruinas de um terramoto e das ruinas de uma politica jesuitica e devassa, fazendo-o florescer ao lado das nações mais illustradas, continuando assim a grande obra de Vasco da Gama e de Alvares Cabral, obra que fez de nós tão pequenos os maiores gigantes do mundo! Será esta manifestação o novo affirmar dos brios portuguezes, mostrando que aonde a tolerancia descuidada dos governos deixa medrar e crescer os jesuitas, os lazaristas e as irmãs da caridade, esses mineiros das trevas, essas toupeiras da civilisação, a arvore sublime da liberdade reverdece e fortifica-se cada vez mais, mostrando assim que a baba peçonhenta das viboras de roupeta, longe de damnifical-a mais a revigora e desenvolve. É á briosa mocidade academica que se deve a iniciativa d'esta manifestação; foi ella pois, essa enthusiastica corporação que evidenceou, ainda nos bancos das escólas, das academias e das universidades, quanto a patria tem a esperar d'esses espiritos generosos e avançados que serão os homens de amanhã!

ZÉ. — Eu cá por mim vou para onde me levarem, contanto que me livrem do peso da albarda e da *espiga* de aturar o sr. Bailio. *(Vendo aproximarem-se alguns policias que trazem na sua frente o Bailio.)* Olhem! olhem! É peor que um diabo de magica. Ainda bem se não falla n'elle, surde-nos logo de qualquer canto. *(Sae.)*

SCENA VIII

Os mesmos e os **policias** de espadas desembainhadas

(O Bailio vem á frente dos policias com o seu bengalão.)

CÔRO

(Musica do côro dos piratas na) «Giroflé»

OS POLICAS E O BAILIO

P'ra nós a cousa mais propicia
que tem a fazer um policia,
é o dever de bem filar *(bis.)*
e não largar
qualquer historista
a quem lançarmos a mão.

E ao que cantar
um certo hymno,
odio ferino
ha de provar

BAILIO *(Em tom mysterioso.)*

Fallae baixinho
bem de vagar,
em quanto a hydra
anda a girar!...

OS POLICIAS

P'ra nós a cousa mais propicia, etc.

(Os policias e o Bailio saem.)

JORNALISMO. — Ahi está em que se occupa a policia... Em andar atraz da hydra e das criadas de servir.

SCENA IX

Estudantes e gente do povo, entrando

TODOS. — Viva o centenario do marquez de Pombal!
ESTUDANTE. — Viva a imprensa!
TODOS. — Viva!
JORNALISMO. — Viva a mocidade academica!
TODOS. — Viva!
ESTUDANTE. — O povo de Lisboa acaba de affirmar mais uma vez o seu amor pela liberdade na manifestação imponente que vem de prestar ao grande estadista que afastou de nós essa lepra corrosiva do jesuitismo! As escolas de todo o Portugal ali se encontraram representadas n'aquelle cortejo brilhantissimo, que se tornou mais solemne e mais democrata depois que se lhe negou a coadjuvação official. Viva pois a festa do povo! Viva o povo portuguez! *(Todos correspondem aos vivas.)*
JORNALISMO. — É d'estes actos solemnissimos que a consciencia do seu valor como povo illustrado e livre, o ha de novamente ir accordando do torpôr em que se deixou adormecer ha quarenta e nove annos. E quando um dia se acharem representados dignamente pelos portuguezes, esses audaciosos guerreiros que foram o assombro do mundo, e que levaram o imperio do seu nome até aos ultimos confins da America, ninguem ousará trahil-o e vendel-o. É preciso não nos matar-mos mais pelo indifferentismo! Ir aos comicios, ir ás reuniões politicas, não arrastados pelas paixões partidarias, mas com o amor de ver Portugal sempre honrado e respeitado. Se assim o fizer-mos d'ora avante cessarão os abusos e obrigaremos com a nossa dignidade a ser dignos esses que mais obrigação tinham de dar o exemplo, visto que occupam os primeiros logares como cidadãos d'este paiz!
ESTUDANTE. — Viva o Jornalismo!
TODOS. — Viva! *(Ouve-se sussurro fóra.)*
CRITICA. — É o Zé Espremido que se dirige para aqui preso pela policia! O que faria elle?

SCENA X

Os mesmos, Zé, dois policias e depois o **Bailio**

1.º Policia, — Ande, d'esta vez é que você paga por todas! A archotada hade-lhe sair cara.

Zé. — Ora essa, eu não fiz mal nenhum, não dei gritos subversivos, nem alterei a ordem... Vocês é que a alteram em toda a parte *(Ao Jornalismo.)* Eu andava muito bem a ver as illuminações da rua da Prata, rua Augusta, rua do Ouro, Nova do Almada e Nova do Carmo, trazia uma phylarmonica na frente e dava vivas á Liberdade, á Carta e á minha albarda! Ao passar do Pote das Almas para a rua do Ouro a policia procura impedir-me a passagem, e por esse motivo ha grande vozearia e confusão! Eu não fiz mal nenhum!...

Jornalismo. — Agora não tens remedio senão acompanhares esses senhores, amanhã tratarei da tua fiança.

Zé. — Vá lá, é mais uma noite... *(Os policias levam-n'o.)*

Bailio. — *(Entrando.)* Ah! estou quasi no zenith da popularidade. Graças á docilidade d'este José Espremido e á grossura e valentia da minha bengala, consigo afinal sêr coroado pela posteridade... O que acabo de fazer no Pote das Almas, ha-de dar-me direito a um titulo...

Estudante. — De Barão?

Bailio. — Ninguem fallou com o senhor!

Estudante — Perdão, mas em nome dos meus collegas tenho a dar-lhe este telegramma. *(Tira um telegramma da algibeira e dá-o ao Bailio.)*

Bailio. — *(Admirado.)* Um telegramma! *(Abrindo o telegramma.)* Em musica... O hymno francez! Oh! raiva! Está preso! Eu mesmo me encarrego de o levar para a esquadra! Queira acompanhar-me!

Jornalismo. — *(Indignado.)* Aqui está como a inviolabilidade dos cidadãos portuguezes é respeitada!

Estudante — O sr. prende-me, mas heide fazer um protesto, um requerimento ao sr. ministro pedindo se lhe faça uma vistoria aos miolos.

Bailio. — As suas ameaças não me atemorisam, mandarei querelar a escóla medica em pezo. *(Sae procedido de povo.)*

SCENA XI

Jornalismo, Critica e depois a Politica

JORNALISMO. — No momento em que o sr. Bailio tanto se apavora com a hydra democrata, outra hydra mais perigosa acaba de levantar-se debaixo dos nossos pés, a hydra do jesuitismo. Porque não prohibirá elle o congresso catholico que se faz no palacio de Castello Melhor? Não combate elle as instituições vigentes? Mas o governo e a maioria que negou no parlamento um voto de sentimento pela morte de Garibaldi, não podia deixar de proteger a sotaina! Os corpos gerentes d'um Club politico vão para a cadeia por estarem sem estatutos aprovados discutindo diversas questões politicas n'uma reunião de mais de vinte pessoas; e os corpos gerentes do congresso catholico, do centro regenerador, do centro progressista e do centro constituinte? Aonde têem a lei que os auctorise igualmente a isso! Bem vêem senhores governantes que é de vós mesmos que parte a culpa de não se tomarem a serio as leis que nos governam, e que para vós deviam ser tão inviolaveis como para nós!

POLITICA. — *(Entrando muito satisfeita.)* Então eu não lhes dizia meus amigos que era capaz de fazer voltar a cabeça ao homem mais sizudo, transformando-o n'uma especie de *titere de fantoche*, movido pela minha vontade, obedecendo aos *cordelinhos* dos meus caprichos? Ahi têem um exemplo da monomania politica. Á maneira do que se ouvia contar no seculo passado aos supersticiosos sobre as diabruras e as velhacarias dos videntes, dos lobis-homens e das almas do outro mundo, agora a todo o momento está a gente ouvindo dizer ao Bailio: *(Em tom de pavor.)* Viste a hydra? Contaste-lhe as cabeças? Serão precisos muitos homens e muitos annos para a matar, ou a cousa far-se-ha bem com pevides de *abobora*? E elle não socega, não dorme não come, porque a hydra apparece-lhe no fundo do prato da sopa, nas chinellas de trazer por casa, enrolada na borla do barrete de dormir, e até... dentro da cama...

JORNALISMO. — É demais!

POLITICA. — Uma d'estas noutes levantou-se banhado em suores dolorosos como victima de um mau sonho. Acordara sobresaltado por um ruido estranho. Com a mão mal

firme procura a caixa dos fosforos, accende um, depois a véla... Olhou em redor de si e nada... levantou-se bascolhou atraz das portas e nada... Debaixo das cadeiras... e nada!... No quarto só lhe faltava uma cousa onde procurar...

Jornalismo. — E achou ahi?

Politica. — *(Com fingida magua.)* Achou!

Critica. — A hydra!

Politica. — Não, um rato que tinha cahido dentro da bacia da cama...

Critica e Jornalismo. — O que é o destino!

Politica. — Agora vou sujeital-o ás ultimas provas e depois ponho-o ao fresco... Como tenho andado a tratar do negocio do syndicato elle tem-me servido para distrahir as attenções do Zé, no entanto, preciso demittil-o porque já se rosnia muito d'elle... A hydra vae portanto em breve ficar em repouso... *(Sae.)*

Jornalismo. — Dou parabens a Lisboa... Á imprensa é que não os dou porque perde com a demissão do Bailio um bello assumpto para os seus artigos humuristicos.

SCENA XII

Jornalismo, Critica e um saloio

Depois de uma pequena pausa entra o saloio.

Saloio. — Ora com *mel* raios, uma d'estas é que eu nunca esperava que me *assocedesse* agora; vim á cidade e *trouxe* o burro de *mé* compadre, que era mesmo um jumento de *feção*, e vae senão quando o que *havera* eu de topar? Um rapazote bem parecido que me offereceu cinco libras pelo burro, vae eu que faço, como pensei que *mé* compadre *havera* de ficar contente com o negocio vendio-o. Ha bocadinho entro na loja de um *arrebatador* para ver se as libras eram *voas* e *pranta-se-me* elle agora a dizer, que eu *havera* sido *intrujado* que aquillo eram cinco moedas de cinco das mais modernas e que tinham por isso aquella côr amarellada. Ora o raio do diabo! Disponho-me a ir á policia, mas dizem-me no caminho que elles não fazem caso d'essas reclamações, e que até *havera* em tempos um guarda que vivia de passar moedas de cinco tostões falsas.

Jornalismo. — Deixe essas aprehenções e vá. Aquella

corporação tem homens deveras honrados e diligentes. Os srs. commissarios especialmente são pessoas sensatas, prudentes, que estão promptos sempre a attender todos que se lhes dirigem.

Saloio. — Em vista do seu conselho sempre lá vou. Ao menos se não me quizerem dar as cinco libras, espero que encontrarão o burro do meu compadre, que não ha de ir muito longe, visto que *mangueia* um pouco de uma das mãos. *(Sae.)*

SCENA XIII

Critica, Jornalismo, um rapaz um bombeiro e povo

Zé. — *(Entrando.)* Cá estou! Cá estou sr. Jornalismo... Abriram-me a gaiola emfim. Já posso assobiar! Cantar! Dar vivas! O homem, o colosso, acaba de cahir!

Jornalismo e Critica. — O quê? cahiu o colosso?

Zé. — A questão com os estudantes levou o sr. Bailio a tropegar na carta constitucional e a estatelar-se no ridiculo. Hoje é para mim um dia grande! Viva a liberdade! Viva a carta! Viva o Zé! *(Susurro fóra.)*

Jornalismo. — O que é isto?

Um rapaz. — *(Entra na frente de algum povo.)* Ha fogo na fabrica da cortiça...

Bombeiro. — *(Dirigindo-se ao Jornalismo.)* Ah! sr. Jornalismo é um incendio nos vastos depositos da fabrica de cortiça na Margueira. O vulcão abrange uma area de 1:500 metros de superficie... Mais de 500 operarios vão ficar sem trabalho.

Critica. — Que desgraça!

Bombeiro. — Sr. Jornalismo chama-me o dever... O clarim toca a reunir os soldados no campo da batalha... *(Sae.)*

Jornalismo. — Eu vos saudo ó energicos bombeiros portuguezes, ó dedicados soldados da paz, que só vos anima o bem, que tendes só no mundo por inimigo, não o vosso similhante, mas esse terrivel monstro devastador e fatal que tantas vezes traz comsigo, ao seio das familias a morte e a ruina.

MUTAÇÃO

SEXTO QUADRO

O INCENDIO NA FABRICA DA CORTIÇA

O cáes de Sodré, descobrindo-se o Tejo. Ao fundo, e mostrando sair por detraz da cordilheira sul, grandes linguas de fogo que illuminam as embarcações fundeadas e os botes cheios de curiosos, que navegam em direcção ao local do sinistro.

SCENA UNICA

Jornalismo, Critica, povo, bombeiros, etc.

JORNALISMO. — É ali, no incendio da Margueira, que os bombeiros portuguezes vão mais uma vez dar provas da sua grande coragem. Amanhã toda a imprensa de Lisboa dirá como eu digo agora: Honra aos bombeiros portuguezes.

O panno cae lentamente.

FIM DO 6.º QUADRO E DO 2.º ACTO

TERCEIRO ACTO

SETIMO QUADRO

OS COMILÕES

Uma sala de jantar decorada luxuosamente. Ao centro uma mesa posta para muitos talheres e sobre a qual estão duas serpentinas e duas grandes jarras com flores.

SCENA I

Ao subir o panno os **Comilões** *devoram soffregamente algumas iguarias:* **Polidoro** *anda atarefado em servir os convidados.*

1.º Comilão. — *(A Polidoro.)* Traze agora mais meia salada de *gratificações* com rodinhas de *syndicato!*

Polidoro. — *(Malicioso.)* É a comida da moda.

2.º Comilão. — E para mim *purée* de *sucata* e filetes á *campo de manobras.*

1.º Comilão. — Uma garrafa de *reformas!*

2.º Comilão. — Uma perna de *banco hypothecario!*

1.º Comilão. — *(Pensando.)* E para desenjoativo...

2.º Comilão. — A *cêra* que os empregados fazem *na caixa dos depositos.*

1.º Comilão. — Isso mesmo!

Polidoro. — Vou servil-os *(Comsigo saindo.)* Comilões.

SCENA II

Só os **Comilões**

1.º Comilão. — Desde que me entendo que sempre achei farta a mesa do nosso amigo Orçamento!

2.º Comilão. — E então que boa *cozinha!* Tem dêdo para escolher os *cozinheiros!*

1.º Comilão. — Este que ahi está tem boa mão para os *temperos.*

2.º Comilão. — Tem deixado a casa por diversas vezes, mas voltou ali a pouco. Da ultima vez que esteve cá saiu por causa de uma *dôr de dentes.*

1.º Comilão. — *(Comendo sempre.)* Qual *dôr de dentes*... Não tinha dinheiro. As despezas com á *cozinha* eram grandes, e o sr. Orçamento estava á paz de Pyrros por causa de lhe faltar com as mezadas o seu tio Thesouro. O *Caro cozinheiro,* não viu mais nem boas, e para não perder o credito, porque os *piteus,* ficariam mal *cozinhados,* despediu-se, foi ao estrangeiro aonde deu alguns concertos de *cavaquinho,* e dizem que voltou mais rapaz, graças á *agua Circassiana.*

2.º Comilão. — *(Com enthusiasmo.)* Que talento... *culinario.*

1.º Comilão — Quando tomou novamente conta das *cassarolas* trouxe um *ajudante,* que dizem p'ro futuro dará honra ao mestre, e talvez lhe leve a palma! Chama se Tratada e taes *tratadas* promette fazer...

2.º Comilão. — Que serão *obras publicas!*

1.º Comilão. — Você está lembrado d'aquella sexta feira em que nos serviram *sôpa de tratada de Torres* feita com *molho* de *caminhos de ferro?*

2.º Comilão. — Soberbo jantar!

1.º Comilão. — Pois quem a tinha *cozinhado* fôra o *ajudante.*

2.º Comilão. — Auspiciosa estreia!

SCENA III

Comilões e Polidoro

Polidoro. — *(Entrando com alguns pratos com comer.)* Prompto.

1.º Comilão. — *(A Polidoro.)* O nosso amigo e teu amo ainda não veiu jantar?

Polidoro. — Não senhor, agora de verão *janta* sempre á noite.

1.º Comilão. — Com o calor tem falta de *apetite!*

2.º Comilão. — E como cada vez está mais gordo.

POLIDORO. — *(Confidencial.)* Fizeram-lhe um dia d'estes junta de medicos, e todos foram unanimes em declarar que se elle continua a engordar assim, arrebenta o *Paiz!*

1.º COMILÃO. — E a que chamam elles *Paiz?*

POLIDORO. — A pelle que lhe veste o estomago! Tanto a vae alargando que d'aqui a pouco...

2.º COMILÃO. — Estala?

POLIDORO. — É a opinião dos medicos.

OS DOIS COMILÕES. — Pobre Orçamento.

POLIDORO. — Passa a vida a comer! E a sua mania é engordar, engordar! e depois não tem acção, não faz nada? Vae para a repartição cavaquear, fazer politica e fumar o seu cigarro... Só tem uma preoccupação...

OS DOIS COMILÕS. — Qual? Qual?

POLIDORO. — Variar a *cozinha*... Hoje, por exemplo, deve-se apresentar um novo e saboroso *pitéu*, que segundo a opinião dos cozinheiros Antonio Caro e Tratada é um verdadeiro *bijou culinario!*

1.º COMILÃO — E que nome pozeram ao tal *dcepipe?*

POLIDORO. — É surpreza! Se querem proval-o estejam aqui logo pelas oito horas.

2.º COMILÃO. — E a tal surpreza é producto da nossa *cozinha*, da franceza ou da italiana?

POLIDORO. — Os *temperos* são todos nossos... Agora a *invenção* parece que é hespanhola... dizem que a deve acompanhar um unico *desenjoativo;* espinafres a *la société financière!*

1.º COMILÃO. — É a primeira vez que tal ouço...

POLIDORO. — *Temperados* com molho *burneriano*... Hão de gostar... Além d'isso o sr. Orçamento a todos os convidados que comerem da tal cousa... dá como brinde um par de luvas...

OS DOIS COMILÕES — Um par de *luvas!*

POLIDORO. — De primeira qualidade!

OS DOIS COMILÕES. — E quem as paga?...

POLIDORO. — Ora essa quem as paga sempre... o Zé...

1.º COMILÃO. — O *luveiro* é bom!

2.º COMILÃO. — E de quantos *botões?*...

POLIDORO. — Hão de haver de diversos gostos, mas aquelle que maior punho apanhar mais *botões* tem, e portanto...

1.º COMILÃO. — *(Com intenção.)* Melhor se *abotôa!*

2.º COMILÃO. — *(Parando de comer.)* Bem, visto isso, guardemos a vontade para logo...

POLIDORO. — Não querem nada de sobremeza?

1.º COMILÃO. — Embotar-nos-hia o paladar... *(Levanta-se dispondo-se para sair.)*

POLIDORO. — Então até ás oito horas...

Os DOIS COMILÕES. — Cá estamos sem um minuto de atrazo.... *(Saem.)*

SCENA IV

Polidoro (só)

POLIDORO. — *(Arranjando a louça.)* Estes senhores não é só aquillo que comem e levam para a familia, é tambem o que estragam. Ah! mas se um dia lhes falta o sr. Orçamento e depois das sete *vaccas gordas* vem as sete *vaccas magras* dos sonhos de Pharaó... Então hade ser bonito vêl-os! *(Sae levando os sobejos da mesa.)*

SCENA V

A **Pensionista** o **Professor** e depois **Polidoro**

PROFESSOR. — Emquanto não são horas vamos comendo alguma cousa para nos abrir o apetite.

PENSIONISTA. — E depois talvez o novo *guizado* não seja para nós. Aos professores e ás pensionistas não chegam nunca senão os caldos requentados, que os mais deixam ficar.

PROFESSOR. — Por isso eu estou já secco como um bacalhau!..

PENSIONISTA. — E eu transparente como qualquer presidente de conselho progressista!

PROFESSOR. — *(Batendo as palmas)* Rapaz?

POLIDORO. — Prompto!

PROFESSOR. — Serve-me uma canja e um quarto de gallinha *á João de Deus*.

POLIDORO. — Eu para o senhor não tenho se não *pão* e *laranja*.

PROFESSOR. — Vá lá isso, poem-me a *pão* e *laranja*, que remedio...

POLIDORO. — *(Á pensionista)* E a senhora o que deseja?

PENSIONISTA. — *Omelette* de *augmento de pensões*, com uns pós muito poucochinhos de *imposto de rendimento*.

POLIDORO. — *(Saindo)* Vá lá, estes não arruinam o patrão!

PENSIONISTA. — Não sei como o sr. professor póde já sustentar-se a *pão e laranja*... Hade andar n'uma debilidade...

PROFESSOR. — Não posso pedir mais do que manda a tabella, e mesmo assim para isto tenho de ir a concurso!

PENSIONISTA. — Que mizeria, uma classe tão prestante...

PROFESSOR. — Pois é attendendo a isso que eu tenho licença... de *comer pouco*... Aqui anda tudo ás avessas. D'antes pagava-se bem a quem trabalhava bem, agora só se paga bem a quem trabalha mal... Os melhores *manjares* são para os que não têem prestimo ou nada fazem. Em se conhecendo que o individuo tem o maldito defeito de ser intelligente ou activo... zás, põe-se logo a meia nação.

PENSIONISTA. — N'esse caso o melhor, visto que está tudo tão mal organisado, é apparentar pouca illustração e ter o menor zelo possivel pelo serviço do estado!

PROFESSOR. — E' o que muitos fazem para terem jus a um melhor quinhão á mesa do sr. Orçamento... e o estado que pague. Em quanto elles comem costeletas de *Penitenciaria* — *Omelette* de perseguições á *la imprensa* — Chorriço com ovos á *Rote das Almas* ou *roast-biffe* á *marselhese* eu não p[illegible] *pão e laranja*.

POLIDORO. — [illegible]*da.)* Prompto... *(O professor e a pensionista senta[illegible] a comer com a pressa de quem tem fome.)*

SCENA VI

Os mesmo e o sr. Orçamento

ORÇAMENTO. — *(Entrando muito fatigado sentando-se na primeira cadeira que encontra.)* Pensei que não chegava hoje a casa... *(A Polidoro.)* Dá-me do que houver!

POLIDORO. — Então o sr. não espera...

ORÇAMENTO. — Não posso! Na minha qualidade de Orçamento tenho de estar sempre a comer... Traz-me qualquer cousa, e recommenda aos *cozinheiros* que façam o *piteu* bem farto, porque ha muito quem queira *provar*... Hoje devem tomar assento á minha mesa dois novos convidados...

POLIDORO. — *(Surprehendido.)* O quê, mais dois?

Orçamento. — Por emquanto só mais dois... D. Salamanca e seu perceptor Topa-Tudo!

Polidoro. — O tal perceptor tem nome de quem nada o farta...

Orçamento. — E a pequena não lhe fica atraz em apetite... Comem como uns hydrophobos... Terás occasião de ver a minha bella acquisição... Só a alimentação d'estes dois me vae custar por anno mais a bagatella de cento e trinta e cinco contos!

Polidoro. — O sr. Orçamento arruina-se com tantas franquezas.

Orçamento. — Como meu tio Thesouro é quem as paga!

Polidoro. — E se elle *quebrar*... sem ser pela espinha?...

Orçamento. — Emquanto o *Zé* tiver *sumo* para *deitar*, posso esperdiçar o dinheiro á vontade!

Polidoro. — Elle já não anda de boa cara, e qualquer dia...

Orçamento. — Qual historia, em elle estando de mau humor, meia duzia de foguetes fazem a festa... e então agora que tenho commigo o mais denodado e o mais eximio *pyrotechnico* de que ha memoria... Lembras-te do fogo que se queimou por occasião da visita do rei de Hespanha?...

Polidoro. — Se me lembro, não vi nunca *bouquets* de fogo tão lindos como n'essa noite...

Orçamento. — Pois tudo era obra do meu querido Topa-Tudo! Fizemos uma figura brilhante, e agora que elle pediu com muito bonitos modos para occupar um logar á minha mesa, não ha remedio senão conceder-lh'o...

Polidoro. — Sairam caras as bichas de rabiar!

(Ouve-se fóra grande ruuurro.)

Orçamento. — Ah! são os meus dois convidados que chegam... *(Á porta.)* Viva D. Salamanca! Viva Topa-Tudo!

(O Professor e a Pensionista levantam-se e vão fazer roda.)

SCENA VII

Orçamento, Topa-Tudo, Salamanca, Polidoro, a Pensionista, o professor e os dois Comilões

Todos. — Viva!

(Os vivas repetem-se, a animação é geral e a orchestra executa a Siguidilha do «Processo do Can-Can.»)

SALAMANCA. — *(Com arreganho hespanhol.)*

Tu pôz n'uma frigideira
segundo se conta
segundo se conta

Segundo se conta
um gallego e uma cabreira
tomate, pimentos!
tomate, pimentos!
Um gallego e uma cabreira
tomate, pimentos
tomate, pimentos
Ah! Ah!
tomate, pimentos...
Ah! Ah!

E poz ao lume
mechendo co'a tranca...
mecheu co'a tranca,
mecheu co'a tranca!
e saiu d'este embroglio
A Salamanca!
A Salamanca!
Ah! Ah!
A Salamanca
Ah! Ah!

TOPA-TUDO.—Uma franceza pura,
viu p'rum canudo!
viu p'rum canudo!

Viu p'rum canudo
sair em dia de sol
D. Topa-Tudo!
D. Topa-Tudo!
Sair em dia de sol
D. Topa-Tudo!
D. Topa-Tudo!
D. Topa-Tudo!

E se isto é verdade!
E se isto é verdade!

D'esde então logo se disse,
d'esde então logo se disse:
que quem em mim se fiasse,
fazia tolice!
fazia tolice!

SALAMANCA E TOPA-TUDO.

E se isto é verdade
E se isto é verdade, etc.

(Repetem-se as coplas d'esde o começo)

TODOS. — Bravo! Bravo! Muito bem!

SALAMANCA. — *(A Orçamento.)* Não imagina quanto lhe estou penhorada por esta recepção!

ORÇAMENTO. — Ah! isto é costume velho entre nós! Os portuguezes são essencialmente hospitaleiros...

TOPA-TUDO. — Conheço ha muito tempo o sr. Orçamento, e sei que elle é muitissimo delicado... especialmente para os estrangeiros!

ORÇAMENTO. — São deveras lisonjeiros para mim! A pena que eu tenho é de não poder tambem já fazer o meu pé de dança... Mas vou estando cada vez mais pezado!

SALAMANCA. — Emprehenções... O senhor está ainda um rapaz bem disposto... Quando o sr. se encontra pezado o que fará o Orçamento do meu paiz... esse é que está tropego deveras...

ORÇAMENTO. — Sou mal visto; todos me chamam pendulario... Que eu empobreço meu tio Thesouro com comes, e bébes, que o Zé anda magro e transparente por estar muito espremido, em quanto os meus dois servos Alemtejo e Algarve apanham uma indigestão de... *fome!* Que eu gasto rios de dinheiro para debellar a phyloxera, mas que o bicho cada vez progride mais, e o dinheiro gasta-se sem resultado! Por economia deixei de dar milho bom á creação e dei milho avariado, pois fizeram *grève* as gallinhas e os patos e prometteram que se um dia me apanham na capoeira pagarei tudo junto...

SALAMANCA. — Ora deixe-os piar! Cada um gasta, não como póde, mas como aquillo que precisa apparentar... E o sr. é um Orçamento de primeira ordem!

TOPA-TUDO. — Como convem a'uma terra civilisada!

Orçamento. — Estou gordinho, estou! Mas esta gordura segundo dizem os entendidos ha de acabar por me asphyxiar e obrigar meu tio Thesouro a fazer uma banca rota... E depois quando durmo tenho sonhos, terriveis e inquietadores que me fazem amanhecer de olheiras, como noiva de pouco tempo, ou donzella que perde as noites nos bailes campestres. *(Confidencial)* A noite passada sonhei que uma senhora de barrete phrygio me tinha pendurado á porta de uma salchicharia, e me estava abrindo como um porco...

Todos. — Horror!

Orçamento. — Não é por mim que temo a morte, mas que hade ser de meus filhos. O *Deficit* e a Divida Fluctuante que coitadinhos estão tão cheios de carne que parece terem sido assoprados! Perderem o seu pae que os affaga e acarinha, que cuida da educação da sua filha Divida no estrangeiro, ao mesmo tempo que põe o irmão *Deficit* como pensionista na Junta do Credito Publico, tudo para serem alguma cousa no futuro... é uma dôr profundissima que transforma o coração de um pae, como eu, em carapinhada de laranja azeda!

Professor. — Para mim é que isso era um descanço...

Salamanca. — Não pense em cousas tristes e divirta-se emquanto é tempo!

Orçamento. — Essa diligencia faço eu, e emquanto poder não hade haver afilhado pobre... *(Para os convivas.)* Vamos hoje não é dia de tristezas... Façamos as honras aos nossos hospedes e disponhamo-nos para encher o *bucho* até não poder mais.

Orçamento. — Viva o *pagode*... e quem o paga, está claro!

Salamanca. — Viva a liberalidade portugueza... e vivam todos quantos aqui estão...

Orçamento. — Não a *questão* não deve viver, e para isso fizeram-se os apagadores... Nós todos constituimos um syndicato e quem se metter comnosco hade andar n'uma dobadoura de linhas ferreas!

Topa-Tudo. — *(Baixo a Salamanca.)* E n'esse jogo quem ganha sômos nós!

Orçamento. — *(Comsigo.)* Não pude comer antes d'elles chegarem e agora parece mal *(Alto.)* Emquanto os meus *cozinheiros* não dão o *guizado* por prompto, vamos dar uma volta pelo palacio... Visitarão os meus aposentos, os meus

museus, as minhas penitenciarias, verão no meu gabinete de trabalho uma vistosa collecção de quadros com primorosas gravuras de portarias surdas, a machina dos impostos que está continuamente a trabalhar, e o famoso couraçado Pimpão fundeado defronte das minhas janellas... Verão o enorme prego onde eu tive a habilidade de pendurar a corôa, e um quadro representando a bandeira portugueza á qual a Inglaterra com uma enorme borracha se occupa em apagar as quinas!

SALAMANCA. — Soberbo! Soberbo!

TOPA-TUDO. — *(Comsigo.)* Que pena eu tenho de não poder apanhar a minha colonia sita.

1.º COMILÃO. — Visto que ha tanto para ver, não percamos tempo!

PENSIONISTA. — Regalemos ao menos os olhos, já que não podemos regalar mais nada!

SALAMANCA. — Vamos!

ORÇAMENTO. — Entremos no sanctuario da ociosidade e dêmos um abraço e um *chocho* na mãe de todos os vicios... *(Saem, a scena escurece, Polidoro vae accender as serpentinas, harmonia na orchestra.)*

SCENA VIII

Polidoro e depois **Zé**

POLIDORO. — Divirtam-se e zombem á vontade que a galhofa não póde durar muito... Vae trazendo bastantes convidados que d'aqui a pouco terás que lhe levantar a manjadoura... *(Continua dispondo a mesa até que entra o Zé.)*

ZÉ. — *(Vestido de judeu com uma caixa de luvas adiante de si, presa ás costas por uma correia.)* Então demais a mais não me fizeram negociante de luvas! E depois um negociante que não ganha vintem, porque se quero ver movimento no meu commercio tenho de as dar... de graça! Viver a dar luvas sem dinheiro para a pellica, isto só a mim succede! O que vale é que eu ao domingo tenho descanço, pois tambem quero um dia inteiro para me divirtir... *(para a harmonia.)*

POLIDORO. — Olá, por cá seu Zé?

ZÉ. — É verdade, venho ver se o sr. Orçamento quer luvas?

Polidoro. — Ora essa não hade querer... Hoje faz você uma venda real...

Zé. — Realmente?

Polidoro. — Realmente! É hoje servido á mesa um petisco todo obrigado á luvas!

Zé. — Hade ser bom por força mas eu não comprehendo!

Polidoro. — Tem pouco que comprehender. Para comer o tal acepipe vão todos para a mesa de luvas calçadas... E então como a ideia é do sr. Orçamento, estou certo...

Zé. — Que se fornece no meu estabelecimento...

Polidoro. — Necessariamente!

Zé — Agradeço o seu amavel aviso, mas parece-me que não ha nada feito, porque hoje não estou para dar luvas sem dinheiro...

Polidoro. — Isso é que eu não sei se você agarrará...

Zé. — Ora essa não ha dinheiro e eu estou comendo o sal mais caro, bebendo o chá por um preço exhorbitante e pagando o assucar mascavado pelo preço do crystalisado! Não posso meu amigo, não posso! O sr. Orçamento come de grande, sustenta mandriões e heide dar-lhe luvas de graça ainda por cima... Isto ha muito tempo que não ia bem, agora está cada vez peor. Ando de tunica porque já não tenho camisa e visto que sou mais um mouro de trabalho do que um portuguez a quem se deve toda a consideração, eu d'aqui a pouco passo-me para o Egypto e vou-me alistar nos exercitos de Arabi... Antes com uma arma ás costas do que com o sr. Orçamento que hade acabar por me pôr de rastos...

Polidoro. — Você tem razão, mas como lhe falta a justiça!

Zé. — Ah! isso para mim nunca houve... Quando me apanham dão-me para baixo, como quem dá n'um bombo! Só para mim é que se fez o codigo penal, e o codigo de posturas... Sou o unico que não posso sonegar dez réis á D. Fazenda, emquanto os mais só pagam aquillo que lhes parece... Quando grito dão-me *peixe espada*, e quando me calo chamam-me tolo... Eu ando sempre a prometter, a prometter, mas um dia a Fonte deita outra Maria.

SCENA IX

Os mesmos e o Orçamento

ORÇAMENTO. — *(Muito satisfeito ao ver o Zé.)* Ah! ainda bem que está cá! Ia mandal-o procurar agora pelo Polidoro...

ZÉ. — É verdade cheguei agora mesmo...

ORÇAMENTO. — *(Baixo a Zé.)* Temos que conversar! *(Ao criado.)* Ó Polidoro vae servir de *cicerone* aos meus hospedes e dize-lhes que não tardo nada em ir ter com elles.

POLIDORO. — *(Saindo.)* Vae depennar mais o pobre Zé!

ZÉ. — Precisava do meu prestimo?...

ORÇAMENTO. — De mais uns paresitos de luvas...

ZÉ. — Pois sim meu amigo, mas agora o negocio hade ser outro... Preciso de dinheiro...

ORÇAMENTO. — Não tem duvida o *piteu* dá para todos, e tu tambem hasde apanhar a tua parte... Tu bem vês que não posso viver com mais economia...

ZÉ — *(Comsigo.)* Eu bem vejo!...

ORÇAMENTO. — Só gasto n'aquillo que não póde deixar de ser... e muitas vezes até passo necessidades...

ZÉ. — Conhece-se na cara!...

ORÇAMENTO. — Ás vezes as apparencias illudem... Tive hoje um capricho...

ZÉ. — *(Sobressaltado.)* Um capricho?

ORÇAMENTO. — Assustas-te?

ZÉ. — Podéra... se lhe parece que eu não sei quanto elles custam...

ORÇAMENTO. — Este agora vae sair por uma bagatella... Dois mil e setecentos contos de réis de luvas fazem a festa!

ZÉ. — São então da melhor *fazenda?*

ORÇAMENTO. — De pellica especial... As luvas serão tiradas pelos convidados de olhos vendados antes de irem para a mesa, e findo o jantar, emquanto se queima o fogo no jardim, serás embolsado de capital e juros!

ZÉ. — O quê? Hoje ha fogo?...

ORÇAMENTO. — Como é de rigor no fim de jantares d'esta ordem...

ZÉ. — N'esse caso estou prompto a dar as luvas...

POLIDORO. — *(Entrando.)* Ah! meu senhor! Meu senhor...

ORÇAMENTO. — O que foi?...

POLIDORO. — Os seus hospedes empalmaram-lhe...

ORÇAMENTO. — A minha bolsa?

POLIDORO. — Não senhor as escovas da graxa!

ORÇAMENTO. — Pensei que tinha sido outra cousa! Olha que me metteste um susto. Para não fazer escandalo o melhor é não fallar n'isso... *(Ao Zé.)* O nosso ajuste está feito?...

ZÉ. — Com a condicção de deitar fogo de vistas estou prompto!

ORÇAMENTO. — Ora essa e do melhor... *(Quasi ao ouvido do Zé.)* Está cá o Topa-Tudo?

ZÉ. — Está... Então temos fogo de Pain de Londres e áquelles formosos *Turbilhões* que se elevam fazendo zigue zagues no ar.

ORÇAMENTO. — Os zigue zagues sobre tudo não hão de faltar! *(Sae.)*

POLIDORO. — Então você sempre cahiu?

ZÉ. — Cahiu, ora essa... Acceitei o negocio porque me conveio... D'esta vez é que eu ganho dinheiro.

POLIDORO. — *(Comsigo.)* Para fóra da algibeira.

SCENA X

Polidoro, Zé, Orçamento, Salamanca, Topa-Tudo, a Pensionista, o Professor, Antonio Caro 1.º e 2.º Comilões

TODOS. — *(Dentro.)* Viva a Salamancada! Viva a Salamancada.

POLIDORO. — Ahi vem os convidados!

ZÉ. — Então vamos a isto que é uma pressa!

(Os Cosinheiros Tratada e Antonio Caro na frente abrindo a marcha conduzem uma terrina tendo por fóra escripto «Salamancada», procedidos de Salamanca, Topa-Tudo, Orçamento e da Trapaça, da Trica, da Verrina, da Arruaça, do Compadre, do Bazorra, do Galepim e do Impudôr.)

Côro

(Musica do côro das cassarolas no 2.º actoda «Noite e o Dia»)

Isto assim vae n um sino,
que bella patuscada!
o nosso Caro é fino
faz bem Salamancada!

Comer bastante, á farta,
são nossas as tenções
pois do paiz nós sômos
sómente os comilões!

Á mesa então
do Orçamento,
não se descança
um só momento!

Dâmos aos queixos
sem cessar
Ah! Ah! Ah!
pois nada temos
que pagar
Ah! Ah! Ah!

N'este pagode
e reinação
é bom livrarmos sempre
d'uma indigestão.

Ah! Ah! Ah!
que reinação,
que pagode,
que função!

ANTONIO CARO. — *(Ao findar a marcha, tosse e [illegible] posição de quem vae fallar.)* Senhores, é meu dever antes de metterem a colher no saboroso manjar amassado com o suor do rosto do Zé, temperado ao paladar do sr. Topa-Tudo e cozinhado á vontade de D. Salamanca dizer duas

palavras sobre as materias que entraram na sua composição...

SALAMANCA. — *(Com espanto)* Materias!...

ANTONIO CARO. — Não se enjoe... que não é caso para isso... As materias de que fallo são primas...

TODOS. — Ah! sendo *primas*!

ANTONIO CARO. — *(Continuando)* Depois de amassarmos uma grande porção de batatas e de as largarmos no meio do parlamento...

TODOS. — Do parlamento!

ANTONIO CARO. — Eu queria dizer da cassarola.

TRATADA. — Migamos-lhe syndicato, linhas ferreas, interesses para o thesouro, salsa de *lampanas*, e cebola de *patranhas*.

ANTONIO CARO. — Pozemos tudo ao lume da discussão...

TRATADA. — Abanando sempre com os periodicos governamentaes.

ANTONIO CARO. — E no fim de duas horas estava feita a Salamancada.

TRATADA. — Para que o lume não fosse de mais, a folhas tantas agarrámos no apagador, systema Sieuvé, e reduzimos tudo a cinza.

TODOS. — Bravo! Bravo!!

ANTONIO CARO. — Como porém a pratica da cozinha...

TRATADA. — Nos dá tambem algumas luzes sobre os effeitos das comidas que temos a honra de cozinhar.

ANTONIO CARO. — E visto que esta é toda obrigada a batatas...

TRATADA. — O que póde até certo ponto causar algum enfartamento serio...

ANTONIO CARO. — Somos de opinião...

TRATADA. — Que?

TODOS. — Que?

TRATADA. — Vão viajar no fim do jantar.

ORÇAMENTO. — Mas o fogo?

ANTONIO CARO. — Para se entreterem em alguma cousa, ilo não deitando pelo caminho.

ZÉ. — E então eu nada vejo?

TOPA-TUDO. — Descança, vaes commigo, levo-te na bagagem. Serás encarregado de pelas diversas estações por que passarmos, deitares a cabeça de fóra da mala em que fôres e dares vivas a toda a rapaziada!

ZÉ. — Ora essa, prompto!... Se me leva comsigo pro-

metto que ha de encontrar em mim uma verdadeira machina de vivorios, é só dar-lhe corda...

Orçamento. — Mas a viagem é longa?

Antonio Caro. — É comida que leva talvez dois dias a fazer digestão.

Orçamento. — São então cinco dias para lá...

Antonio Caro. — E cinco para cá...

Orçamento. — Mas precisamos de vez em quando mandar noticias á familia... aos nossos amigos.

Tratada. — Escreve-se-lhe pelo correio.

Orçamento. — Só isso? Seria talvez melhor mandar-lhe uns telegrammas.

Antonio Caro. — Como póde haver tempo para isso se á maneira do Judeu Errante quem comer do petisco tem de caminhar sempre. Nem haverá tempo para mudar de camisa.

Salamanca. — O quê depois de comer tanta batata...

Topa-Tudo. — *(Em tom reprehensiva.)* Menina, a batata não obriga...

Antonio Caro. — Para não haver contrariedades o melhor é deixar já os telegrammas feitos.

Todos. — Apoiado! Apoiado!

Orçamento. — Lembras bem!

Tratada. — Cada um escreverá cinco telegrammas em estylo differente e com diversas datas que o Polidoro se encarregará de ir successivamente entregando a cada um dos destinatarios.

Orçamento. — Aos telegrammas!

Todos. — Aos telegrammas! *(Tiram o lapis da algibeira e escrevem lendo alto.)*

Orçamento. — Cheguei a S. Pedro de Alcantara, de saude, fui-me hospedar na Mizericordia e dormi de companhia com dois engeitados do sexo masculino que durante a noite se fartaram de me abraçar e pedir *(Consigo.)* O que é que elles costumarão a pedir de noite *(Tendo uma idéia.)* Ah! já sei. *(Escreve.)*

Topa-Tudo. — Lisboa 5 e ½ da manhã, começámos a descer a calçada do Duque. Enorme affluencia de gente que voltava da praça da Figueira com as suas cargas de hortaliça rompeu em calbrosos vivas apenas nos avistou. O cozinheiro Antonio Caro teve que ficar á porta da escola Academica por causa de uma unha encravada não lhe permittir seguir a viagem.

ZÉ. — Chegámos ao Rocio. Como me encarregaram de dar os vivas e como já começava a enroquecer comprei 40 réis de fava torrada e não faço outra cousa senão trincal-a para aclarar a voz, se isto porque já alguem se lembrou de dizer que eu em vez de dar vivas a Salamanca, dava vivas á Christina.

ORÇAMENTO. — Já todos estrevaram?

TODOS. — Todos!

ORÇAMENTO. — Polidoro, estes telegrammas ao seu destino nas datas competentes. Vá não te enganes nas datas e que mandes entregar os do Rocio primeiro que os da calçada do Duque.

POLIDORO. — Vão descançados. *(Parte os telegrammas.)*

ORÇAMENTO. — Agora vendas nos olhos e toca a tirar as luvas á sorte.

(Todos se preparam para tirar as luvas marchando de olhos vendados para o tabolleiro do Zé.)

CÓRO

Todos luvas apanhámos
nesta sua divertida
pois só com ellas calçadas
se prova da tal comida.
De luva pellica feitas
calção alto e elegante
é prezente que vale libras
dado pelo Zé pagante.

(Quando anda o córo, tem já cada um o seu par de luvas na mão sendo as mais altas de Topa-Tudo.)

TODOS. — *(Tiram as vendas e olham para as luvas.)* Ah! Que bem feitas!

ORÇAMENTO. — O sr. Topa-Tudo é quem apanhou as melhores luvas e portanto...

TOPA-TUDO. — A falta de botões não ha de deixar de ficar bem *abotoado!*

SALAMANCA. — Parece que estas luvas não são feitas de pellica!

TODOS. — Então de que hão de ser?

SALAMANCA. — No meu paiz ha um ente racional de cuja pélla os governos mandam de vez em quando fazer luvas...

QUARTO ACTO

OITAVO QUADRO

COUSAS ETC. E TAL...

Uma praça

SCENA I

Catalina e povo

Ao subir o panno, homens e mulheres do povo entram rodeando Catalina que vem na frente

Canção

(Musica da opereta «Mulher do papá»)

CATALINA

Por Santa Marta anda á solta,
em um pequeno contador,
negro phantasma esguio e feio
que a toda a gente mette horror!

Mas ao dar credito ao que disse
quem esteve lá de sentinella,
os taes gemidos eram só
tristes suspiros do Alviella...

Mas cá a gente que é valente,
não se arrecela do avejão,
por crermos todos piamente,
que o tal papão é um palão

CÔRO

Mas cá a gente, etc.

CATALINA

Já lá vão esses bellos tempos
de lobis-homens, bruxarias,
para audazes namorados
mostrarem suas valentias.

Hoje porém o caso é outro
o ser phantasma fia fino,
em taes patranhas ninguem crê
pois que tem olho o pae Paulino.

Mas cá a gente que é valente,
não se arreceia do avejão
por crermos todos piamente,
que o tal papão é um palão.

REPETE O CORO

Mas cá a gente que é valente, etc.

CATALINA. — *(Ao povo.)* Vamos rapazes... Contava minha avó, que era muito versada em historia antiga, que um dia Catalina bateu ás portas de Roma... Secundando pois o exemplo da minha collega... no nome, vou bater não ás portas de Roma, mas á porta do sr. commissario da policia para lhe pôr isto em pratos limpos. Vamos!

TODOS. — Vamos! Vamos! *(Saem.)*

SCENA II

Jornalismo e a **Critica** que vem entrando

JORNALISMO. — Depois da pasmaceira do cometa, a pasmaceira da alma penada do beco de Santa Martha!

CRITICA. — Afiançam que é o contador da agua que produz aquelle effeito.

JORNALISMO. — Póde muito bem ser que tenha outra explicação... Não é a primeira vez que apparece gente entaipada ou preza em subterraneos.

CRITICA. — Na rampa de Santos apparecem effervescencias

poder comer um bocado de pão com manteiga, sem lhe acudir á lembrança a ideia de que o oleo de margarina é extrahido dos rins dos gatos, dos cães, dos cavallos, dos burros, dos porcos, dos bois, das cabras, dos cabritos, das ovelhas e dos bodes... Nada vou ensinar o meu merceeiro. Vou levar a manteiga ao laboratorio de hygiene e se elle tiver margarina cento e tantos mil réis que lhe devo não pago... Servirá para penas e damnos que alguém tenha soffrido.

Coplas

(Musica do «Barba azul»)

Com certeza o merceeiro
vae ficar desapontado,
mas ninguém lhe mandou ter
o genero falsificado....
No entanto bem conheço
não ser elle só culpado,
pois ha queixas que o padeiro
vende o pão falsificado!

Da leiteira não me queixo,
porém tenho reparado,
que ha dias em que o leite
vem tambem falsificado!
Té as leis se falsificam
falsifica-se um tratado,
do Zaire p'ra inglezes
está sendo falsificado!

Ha mulheres eu tenho visto
mas no fim pernas e braços
tudo falsificado!
E nos homens em geral
provinho, tenham cuidado,
pois dizem que o casamento
está muito falsificado!

CAPITÃO. — E o peor é que apesar d'este lado comico, a medalha apresenta um reverso triste e desconsolador. O povo sacrificado pelas contribuições, pela carestia dos alimentos e das casas, a mortalidade a crescer de semana para semana e ainda em cima os generos de primeira necessidade falsificados. O que fazem então os delegados de saude que deixam assim explorar o povo sem reclamarem do governo providencias rigorosas e urgentes? Dormem? JORNALISMO — Dormir não digo, mas estão ainda a esfregar os olhos.

SCENA VII

Os mesmos o admirador do porco amestrado e depois 1.º, 2.º e 3.º guardas nocturnos e uma patrulha da guarda municipal

O ADMIRADOR. — *(Entrando.)* E' onde póde chegar a paciencia d'um artista! amestrar um porco, fazel-o saltar arcos, dar tiros... Depois do cysne branco do Lohengrin é o animalejo que maior sensação fez esta epocha entre nós... Que prodigio! Que prodigio! *(consultando o relogio)* Ah! mas são horas de recolher aos patrios lares... *(Procurando na scena e fóra d'ella)* Por onde andará o meu guarda nocturno... Tres palmadas, e é um instante em quanto apparece *(Bate tres palmadas e apparecem a um tempo de diversos lados tres guardas nocturnos)* Por esta agora é que eu não esperava... Um dos senhores faz favor de me abrir a porta? *(Todos se dirigem para o mesmo lado com igual intento).*

1.º GUARDA. — Olá camaradas, este contribuinte é meu, portanto eu é que lhe hei de prestar os serviços.

2.º GUARDA. — Nada é meu!

3.º GUARDA. — Meu é que é!

1.º GUARDA. — Não me façam perder a paciencia, e deixem-me abrir a porta!

2.º GUARDA. — Você desobedece á minha intimação está prezo?

1.º GUARDA. — Eu é que o prendo a você por se metter nas minhas attribuições.

3.º GUARDA. — E eu prendo os dois por estarem a fazer barulho dentro da minha area.

1.º GUARDA. — E eu apito contra vocês. *(Mette o apito á bota)*

ARRUMADOR. — O mais prudente é retirar-me... Nunca mais quero guarda nocturno. Faz-me ser marido mal comportado por que vou ficar a uma hospedaria em vez de ficar em casa. *(sae)*

2.º GUARDA. — Sim pois eu tambem apito!

2.º GUARDA. — Se a cousa está em apitar. *(Apitam todos três, o povo corre de todos os lados, dois soldados da guarda chegam e deitam as galfarros aos tres guardas nocturnos).*

OS SOLDADOS. — Estão presos!

CRITICA. — Assim é que eu gosto dos agentes da auctoridade que se prendem uns aos outros... Bem se vê que o serviço da policia da cidade está *bem* organisado!

JORNALISMO. — E vê-os e admirá-os.

Côro

DOS GUARDAS E DOS SOLDADOS *(saindo)*

(Musica do côro dos esbirros na zarzuella dos «Chouriços e Polices»)

Ninguem já se entende,
pois todos mandâmos,
e se nos prendemos
tambem nos soltâmos!

Nocturnos, policias
e municipaes,
andâmos na aposta
qual mandreia mais!

Os gatunos portas
deixamos abrir,
e com bôas trouxas
as vezes sair!

Pois nos é preciso
não nos importar,
e assim as costas
podêmos guardar *(Saem dançando)*

SCENA VII

Critica, Jornalismo e um pobre de asylo

POBRE. — *(Entrando)* Isto vae bum sino!... *(Dirigindo-se ao Jornalismo)* O senhor faz favor de me dizer se viu por aqui o sr. Bota-Abaixo... Não conhece? O homem que entendeu fazer de Lisboa umas catacumbas!...

JORNALISMO. — Não vi, mas póde-lhe talvez fallar... *(Diz-lhe ao ouvido).*

POBRE. — Sim! Muito obrigado... Trago aqui um abaixo assignado dos meus collegas para vêr se elle dá licença que a gente vá com as cadeiras para os passeios novos que se estão fazendo no Rocio, visto que o outro *Requiescat in pace* foi para o meio do chão por causa da Avenida... Ali ao menos aos domingos de tarde, como ha muita gente que tem o seu receiosinho de se sentar nos bancos, talvez se faça alguma coisa... Ah! tempos tempos em que a gente andava nas mãosinhas das damas do *high-life*... Ás vezes em noutes de fogo de vista, em occasiões que ellas davam tudo por um assento, se não havia de palhinha dava-se-lhe de pau e ellas ainda em cima agradeciam... Acabou-se o ponto de reunião das amas e dos soldados da guarda! Pobres sopeiras! Que de cousas tão extraordinarias vão por esse mundo! Uma das que me engassgou mais foi o frontão da camara. Se ainda o não viram é não perdêl-o de vista. É um trabalho artistico que regala os olhos da alma... Ha lá uma figura que é a allegoria do amor da patria, a mim pareceu-me a allegoria do nosso pae Adão antes da parra já se vê... A companhia dos caminhos de ferro vae pôr comboios a meio preço e tem rasão porque na provincia nunca se viu uma perfeição assim...

Cançoneta

(Musica do sacristão da «Revista»)

Em Lisboa anda tudo espantado
Pelourinho está em revolução!
Ninguem passa que não admire
o que a camara lá pôz no frontão!

Boca aberta, nariz levantado,
todos gosam da exposição
Ha quem esteja por gosto mirando
dia inteiro o que está no frontão.

Muita gente lhe acha exagero,
eu não digo que sim, nem que não,
porém há quem da cousa entendido,
diga estar obra prima o frontão!

Uma velha que eu julgo solteira,
passeava co'o Mano Serião,
e mal olha, desmaia dizendo,
ai! que feio que está o frontão!

Certa esposa queixosa do esposo,
porque tinha bastante razão,
muita cousa lhe disse e por cima
foi de dia mostrar-lhe o frontão!

Vi méninas por ali ao passarem
encobrirem o rosto co'a mão,
mas olharem p'los dedos abertos
p'á vontade gosar o frontão!

Outra velha já toda dobrada,
baba em fio a cahir-lhe no chão,
vi deital-a uma nesga do olho,
para vêr o que está no frontão!

Se algum dia quizerem servir-se
o meu prestimo ás ordens terão,
pois não ganho dinheiro podem crêl-o
em leval-os a vêr o frontão!

JORNALISMO. — Effectivamente o frontão está fresco mesmo nos dias mais calmosos...

UM POLICIA *(Entra cantando.)*

Fazem-me andar os duellos
assim a passo de cão.
Ão! Ão! Ão! Ão! *(Sae.)*

OUTRO POLICIA. — *(Seguindo-o.)*

Correndo montes e vales
andâmos por nossos males...
Males! males! males! males! *(Sae)*

OUTRO POLICIA. — *(Seguindo-o.)*

Para não jogarem as cristas
prendemos os duellistas. } *bis* *(Sae.)*

OUTRO POLICIA. — *(Seguindo-o.)*

E' pena a gente o pague
sendo os duellos *blague!*
blague! blague! blague! blague! (Sae.)

OUTRO POLICIA. — *(Seguindo-o.)*

O' collega não considres
era bom tempo o dos tigres...
igres, igres, igres, igres! *(Sae)*

OUTRO POLICIA. — *(Seguindo-o.)*

Foi-se a hydra, mas duellos
nascem como os cogumellos. } *bis* *(Sae.)*

SCENA VIII

Critica, Jornalismo, Politica e os Jornaes

POLITICA. — *(Na frente d'elles)* Alto! frente volver, um passo em frente, marche.

JORNALISMO. — Ah! chega a proposito! A senhora diz-me o que vão fazer estes agentes da policia?

POLITICA. — Vão impedir os duellos!

CRITICA. — Os duellos?

POLITICA. — Sim os duellos. Lisboa inteira bate-se. Duas hespanholas batem-se ao socco no Campo Grande; dois empregados publicos batem-se pelo mesmo processo na rotunda da Avenida; dois jornalistas batem-se á pistola, e agora perto de cincoenta duellos estão em perspectiva e

são todos ao florete... Padres, militares, ministros, escriptores, tudo se bate!

Couplets

(Musica do 1.º acto da «Noite e o Dia»)

Estão os duellos hoje em moda,
por quaesquer dares e tomares...
Desde a pequena á grande roda
nobres, plebeus e militares.

Doido commigo tudo anda,
o odio, a raiva eu atiço...
de mão na ilharga dou desanda
e a muitos dou volta ao toutiço!!!

Do legitimista
do progressista
do bazorrista
Etc. e tal
O grande mal, o mal
É a barriga!
É a barriga!
Commigo tudo anda em briga,
por isso o povo ousa dizer
Bournays, Bazorras e quejandos
não devia haver
não devia haver
a meu vêr

Vae ao principio a cousa bem
quando se elege um ministerio
mas dentro em pouco faz tem tem
e morre á falta de criterio.

Como de Tuy um cidadão
só tem no saco a arma usada,
cá na imprensa uma questão
parece um jogo de *soccada*!

Do legitimista!
do progressista!
Etc. e tal
O grande mal, o mal
É a barriga!
É a barriga!
Commigo tudo anda em briga
por isso o povo ousa dizer
Bolinhas, Bazorras e quejandos
não devia haver
não devia haver
a meu

JORNALISMO. — É possivel que a barriga faça obrar tantas inimisades.

CRITICA. — Infelizmente a imprensa desce a questões bem pequenas.

POLITICA. — Sou eu que o aconselho. *(Despedindo-se.)* Vou continuar a exercitar os meus pequenos, quero pol-os aptos para as futuras polemicas jornalisticas. *(Dando voz de commando aos jornaes)* Direita, volver, ordinario, marche! *(Saem).*

POBRE — Pelo que vejo anda tudo embrulhado... Deixo a minha pretensão para outro dia... Tenho medo que me prendam para padrinho... Com licença! Com licença! *(Sae.)*

JORNALISMO. — Não me parece que isto dos duellos seja serio.

CRITICA. — É uma hydra de cem feitio. *(Saem.)*

NONO QUADRO

O CASAMENTO POLITICO

Á mutação a scena apresenta o *budoir* de Antonio Caro

SCENA I

Antonio Caro, Zepe, Tudo e Tratado surgem de um alçapão acompanhando o vizinho

Tercesto

(*Musica da ronda do 1.º acto do Boccacio*)

Tratado Ai Caro tu vens cantar
boa lua de mel
desejo-lhes um bom futuro
p'ros ditinhos
cá temos
tiro liro, tiro liro léro,
sou um olho
tiro liro, tiro liro léro,
da imprensa
tiro liro, liro,
p'ros ditinhos...

Antonio Caro. Meus amigos vão dizer-me
se n'isto que eu faço erro,
dando á noiva Beira Baixa
de dóte um caminho de ferro!

CANÇÃO

tiro liro, tiro liro léro,
sou um olho
tiro liro, tiro liro léro,
da imprensa
tiro liro, liro,
p'ros ditinhos...

Basta dizer que tem um circulo onde nenhum deputado d'outro partido é capaz de metter o nariz.

TOPA-TUDO. — Pois não, as suas eleições são certas, e não ha meio de lh'as empalmar... É uma pequena com quem se póde entrar no parlamento... Inspira confiança!

ANTONIO CARO. — É que tenho os meus receios de que ella me não seja fiel... e depois então... Sim vocês comprehendem-me... Se me acontecesse qualquer infelicidade

TRATADA. — Isso são estupidas demasiadas suspeitas. Uma menina tão capaz, tão fiel... Mas o casamento está fixado para quando?

ANTONIO CARO. — Ora o que as mais vezes acontece. Comprei dois dias uns kagados e desde que os comprei não vejo outra coisa senão kagados. A dormir sonho com kagados, ou sejam kagados. Ao jantar falo em kagados, ou sejam kagados. Ao passar por ruas ouço cantos e começam já a chamar-me kagado-mór nos!

ANTONIO CARO. — Chorar, porque?

DEMOCRACIA. — Com invejas? Isso é o que mais me admira. Eu que já tinha quasi a certeza de que a posteridade me havia de agarrar

Zé. — (*Estendendo-se para abraçar Democracia*). Abraçemos a Democracia, que é o unico remedio que me póde salvar!

Democracia. — Então isto é assim sem mais nem mais?

Politica. — Vá lá rapazes, eu não sou de cerimonias.

Democracia. — Como a madrinha não se oppõe. (*Abraçam-se*).

Zé. — (*Ainda abraçado*). Isto sim, isto é que é uma arvoresinha que me ha de dar bôa sombra... (*Tosse*) O peor é eu estar com esta tosse que denuncia claramente o grave estado da minha saúde.

Democracia. — Nos pulmões?

Politica. — (*Sorrindo*). Nas algibeiras.

Zé. — Olha a madrinha Politica é que me pôz n'este estado. Ha oito dias que não tiro da algibeira, por mais que procure, senão cotão. (*Tirando cotão das algibeiras*) E' isto! Cotão e mais cotão... Mas isso não é o peor. Hontem de manhã apenas me levanto vou á janella por acaso e quem hei de eu vêr sentados no degrau da minha porta? Toda a gente a quem devo dinheiro. O merceeiro, o padeiro, o sapateiro, e até um agiota inglez que ás vezes me vale em alguns apertos, e que me deixa, com o exagero dos seus juros, em riscos de não lhe pagar juro nem capital... Olá rapaziada então o que os traz por cá tão cedo? Diz-me agora o inglez: «Senhor apoar a pedir dinheiro e fazer banqerrota». O meu visinho do primeiro andar, que conhece aquelle sujeito de laranjeira chega á janella e apresenta-lhe uma sóva que o deixou n'um Lazaro e os obriga a retirar.

Democracia. — Ainda temos, felizmente, portuguezes dignos, que nas horas em que vêem os seus concidadãos afrontados correm a expôr o seu peito, com a afouteza do animo que dá a consciencia d'uma boa acção, procurando esmagar a calumnia com que se avilta muitas vezes a honra e a dignidade d'uma nação inteira, com quem no passado só tivemos que aprender os estranhos salutares exemplos de valentia e audacia, quando cruzavamos os mares, ou feriamos pelejas nos campos da batalha. (*Mudando de*

incorruptivel do grande tribunal da opinião publica e que
por exemplo possas perguntar um dia
Que dê o Zaire etc.

Democracia. Ha de chegar
e se quizerem
protestar
dirás então:
Que dê o Zaire etc.

Politica. V. A quem um inglez
tu encontrares,
antes de lhe
apertar a mão,
se elle te
mostrar soberba,
dirás então:
Que dê o Zaire etc.

Politica. Pois, não
dirás então:
Que dê o Zaire etc.

Jornalismo. Que quem
eu cá por outras
dirás então:
Que dê o Zaire etc.

Jornalismo. Ora, então, o capricho de não se fazerem noites duraduras e nos estamos no periodo em que o formoso astro nos ilumina todos os dias sobre o meridiano de S. Roque
Que dê o Zaire etc.

BEIRA BAIXA. Ora meu bem
tu não *mi* dá
e vamos *casá!*

ANTONIO CARO. E vamos *casá*

Ensemble

ANTONIO CARO. Ora *aqui* gostos
você *mi* dá,
pois a linha ferrea
eu dou á *sinha*

BEIRA BAIXA. Ora meu bem
tu não *mi* dá
pois a linha ferrea
vae dar a *sinha*

ANTONIO CARO. Dê cá! *(bis)*

BEIRA BAIXA. Ahi está!

(Beira Baixa cáe desfallecida nos braços de Antonio Caro que lhe dá a cheirar um caminho de ferro de folha.)

CRITICA. — *(A meia voz para o Jornalismo.)* Então sempre houve eclypse? Donde estava não gosei bem!

JORNALISMO. — *(No mesmo tom.)* Ainda o pergunta? Não viu o *Sol* encobrindo-se e o Dragão cahir vencido pelos canticos da Sereia?

CRITICA. — Foi n essa occasião.

JORNALISMO. — Foi!

BEIRA BAIXA. — *(Voltando o si.)* Como o cheiro do carvão de pedra me reanima! Ao menos dá-m'o a cheirar muitas vezes!

ANTONIO CARO. — Agora ao encontro dos nossos padrinhos!

BEIRA BAIXA. — Depressa! Quero transpor comtigo os humbraes do ceu! *(Sacem.)*

JORNALISMO. — Já agora, acompanhamos, para ver subir ao ceu estes dois pasaros; não deve ser mau. *(Sae com Critica.)*

MUTAÇÃO

DECIMO QUADRO

O TRIUMPHO

SCENA UNICA

Um palacio phantastico. **Zé Espremido** e **Democracia** sobem indicando durante a ascenção a legenda «O FUTURO» que um anjo tem suspensa sobre suas cabeças. **Beira Baixa, Antonio Caro, Topa-Tudo** e **Tratada** recuam como se no par ascensor vissem um espectro. **Critica** e **Jornalismo** admiram satisfeitos. **Politica** ao meio da scena sorri triumphante da sua obra.

O panno cae lentamente.

FIM DO 4.º ACTO E DA REVISTA

OBSERVAÇÃO

Os direitos de representação e reimpressão d'esta obra, não só em Portugal como no Brazil, são propriedade do auctor, conforme com o que dispõem os artigos 590.º e 595.º do Codigo Civil Portuguez, para o que se cumpriram as disposições do artigo 604.º do mesmo Codigo.

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.